

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS

ISADORA FERREIRA MONETIRO

VOZES E SILENCIAMENTOS NO ROMANCE, **MENOS QUE UM**, DE PATRICIA  
MELO E OS DESAFIOS DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

GOIÂNIA, 2024

ISADORA FERREIRA MONTEIRO

VOZES E SILENCIAMENTOS NO ROMANCE, **MENOS QUE UM**, DE PATRICIA  
MELO E OS DESAFIOS DA ARTE NA CONTEMPORAINDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *strictu sensu* em Letras – Literatura e Crítica Literária, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito obrigatório à obtenção de título de Mestra em Letras.

Orientação: Prof. Dr. Divino José Pinto.

GOIÂNIA, 2024

Catálogo na Fonte - Sistema de Bibliotecas da FUC Goiás

M775v Monteiro, Isadora Ferreira.  
Vozes e silenciamentos no romance, Menos que um, de  
Patrícia Melo e os desafios da arte na contemporaneidade  
/ Isadora Ferreira Monteiro.-- 2024.  
73 f.  
  
Texto em português, com resumo em inglês.  
Orientador: Prof. Dr. Divino José Pinto.  
Dissertação (Mestrado) -- Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e  
Humanidades, Goiânia, 2024.  
Inclui referências: f. 72-73.  
  
1. Melo, Patrícia, 1962- - Crítica e interpretação.  
2. Ficção brasileira - História e crítica. 3. Arte e  
literatura. 4. O Contemporâneo. 5. Minorias. I. Pinto,  
Divino José. II. Pontifícia Universidade Católica de  
Goiás - Programa de Pós-Graduação em Letras - 28/06/2024.  
III. Menos que um. IV. Título.  
CDU: Ed. 2007 -- 821.134.3(81)-31.09(043)



Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Pontifical Catholic University of Goiás  
Av. Universitária, 1069, Setor Universitário  
Caixa Postal 66 - CEP 74.605-010  
Goiânia - Goiás - Brasil

ATA Nº 258/2024

**SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

No dia **28 de junho de 2024**, às **10h**, foi realizada via webconferência, a sessão pública de Defesa de Dissertação de ISADORA FERREIRA MONTEIRO, discente do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em **Letras** da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com trabalho intitulado "VOZES E SILENCIAMENTOS NO ROMANCE, MENOS QUE UM, DE PATRICIA MELO E OS DESAFIOS DA ARTE NA CONTEMPORANEIDADE". A Banca Examinadora foi composta por: Prof. Dr. Divino José Pinto/ PUC Goiás (Presidente), Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira / PUC Goiás, Prof. Dr. Sebastião Augusto Rabelo / UFRN, Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima/ PUC Goiás (Suplente) e Prof. Dr. José Elias Pinheiro Neto / UEG (Suplente). O trabalho da Banca Examinadora foi conduzido pelo(a) Presidente da Banca que, inicialmente após apresentar os docentes integrantes da Banca Examinadora, concedeu **30 minutos** ao(a) discente para que este(a) expusesse seu trabalho. Após a exposição o(a) Presidente da Banca concedeu a palavra a cada membro para que estes arguissem o(a) discente. A banca examinadora deliberou pela manutenção do título original do trabalho apresentado. Durante a arguição os membros da banca apresentaram suas contribuições ao trabalho, com sugestões para conclusão do estudo e apresentação dos resultados da pesquisa. Após o encerramento das arguições a banca examinadora, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do(a) discente, considerando sua trajetória no curso e o trabalho produzido. Como resultado a Banca Examinadora deliberou pela **APROVAÇÃO DA DISSERTAÇÃO**. Proclamado o resultado pelo(a) Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente Ata que é assinada pelos membros da banca e pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras.

Goiânia, GO, 28 de junho de 2024

Assinam esta Ata,  
Banca Examinadora

Prof. Dr. Divino José Pinto/ PUC Goiás (Presidente) Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira / PUC Goiás Prof. Dr. Sebastião Augusto Rabelo / UFRN.

Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima - Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me guiar e abençoar durante a jornada de escrever minha dissertação de mestrado. Agradeço especialmente à minha família, em especial à minha mãe, Iracela, Mestra em Letras e Crítica Literária que sempre foi minha inspiração e apoio incondicional. Também dedico meu agradecimento ao meu orientador, amigo e companheiro Dr. Divino José Pinto.

## DEDICATÓRIA

Dedico ao meu querido marido Raone, cujo amor, inspiração e suporte foram fundamentais para alcançar este marco acadêmico.



“É uma característica minha me aprofundar nas temáticas que eu descrevo. Por outro lado, continuo sendo uma ficcionista. Eu sei colocar um freio na pesquisa. Ela, para mim, é importante só na medida em que torna a minha ficção verossímil. Meu livro é realista, mas não deixa de ser uma fábula”

Patrícia Melo

## RESUMO

O romance **Menos que um**, de Patrícia Melo, mergulha nas profundezas das vozes e silenciamentos das minorias dentro da sociedade contemporânea, abordando os desafios que a arte e as pessoas enfrentam nesse contexto. A obra se destaca pela sua polifonia, uma técnica narrativa que permite a coexistência de múltiplas vozes e perspectivas dentro do romance. Autores como Mikhail Bakhtin (1990) e Gegörg Lukács (2009) oferecem pressupostos valiosos sobre a importância do gênero romanesco e o significado da polifonia na literatura. No contexto dos desafios da arte na contemporaneidade, **Menos que um** representa uma contribuição relevante ao demonstrar como a polifonia pode ser uma ferramenta poderosa para a representação da diversidade humana e para a desconstrução de narrativas unilaterais e excludentes. Ao dar voz aos silenciados e ampliar o espectro de experiências retratadas, a obra ressalta a importância da arte como um espaço de diálogo, resistência e transformação das minorias. Sendo assim, tratamos, no primeiro capítulo de averiguar, à luz das teorias, do romance, autores como: Gegörg Lucács, Fábio Lucas e Benjamin Adbala Júnior. No segundo capítulo, apresentamos a polifonia do romance, com base na teoria bakhtiniana, utilizando sua obra **Epos e romance**, trazendo para análise o romance **Menos que um**, de Patrícia Melo em suas múltiplas vozes. Por fim, no terceiro capítulo, abordamos a literatura e suas relações com outras artes na contemporaneidade, tendo como base teórica, pensadores como Julio Plaza, Haroldo de Campos e outros mais que tratam da transcrição, com o intuito de aprofundar um pouco mais na análise do romance objeto deste trabalho, sua linguagem e suas relações com outras formas artísticas.

**Palavras-chave:** Vozes. Silenciamentos. Polifonia. Contemporaneidade. Minorias.

## **ABSTRACT**

The novel **Menos que um**, by Patrícia Melo, delves into the depths of the voices and silencing of minorities within contemporary society, addressing the challenges that art and people face in this context. The work stands out for its polyphony, a narrative technique that allows the coexistence of multiple voices and perspectives within the novel. Authors such as Mikhail Bakhtin (1990) and Gegörg Lukács (2009) offer valuable assumptions about the importance of the romance genre and the meaning of polyphony in literature. Less than one represents a relevant contribution in demonstrating how polyphony can be a powerful tool for the representation of human diversity and for the deconstruction of unilateral and exclusionary narratives. By giving voice to the silenced and broadening the spectrum of experiences portrayed, the work emphasizes the importance of art as a space for dialogue, resistance and transformation of minorities. Thus, we deal, in the first chapter of ascertain, in the light of theories, the novel, authors such as: Gegörg Lucáks, Fábio Lucas and Benjamin Adbala Júnior. In the second chapter, we present the polyphony of the novel, based on Bakhtinian theory, using his work Epos and novel, bringing to analysis the novel Menos que um, by Patrícia Melo in his multiple voices. Finally, in the third chapter, we approach literature and its relations with other arts in contemporary times, having as a theoretical basis, thinkers such as Julio Plaza, Haroldo de Campos and others more that deal with transcreation, in order to deepen a little more in the analysis of the novel object of this work, its language and its relations with other artistic forms.

**Keywords:** Voices. Silencing. Polyphony. Contemporary times. Minorities.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>8</b>
<b>I. ALGUMAS VOZES SOBRE TEORIA DO ROMANCE .....</b>	<b>10</b>
1.1 O romance e suas pautas emergentes: diálogos com Lucács .....	11
1.2 Revisitando o romance social brasileiro .....	16
1.3 Itinerários do romance brasileiro .....	21
<b>II. MENOS QUE UM E A POLIFONIA BAKHTINIANA .....</b>	<b>25</b>
2.1 A visão de Bakhtin .....	25
2.1.1 Principais Conceitos e Contribuições .....	30
2.2 A dimensão épica no romance contemporâneo .....	31
2.3 <b>Menos que um</b> , o romance de Patrícia Melo e a polifonia .....	37
2.3.1 Polifonia em <b>Menos que um</b> .....	37
<b>III. A LITERATURA E SUAS RELAÇÕES COM OUTRAS ARTES NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>45</b>
3.1 Marcas do romance na Contemporaneidade .....	45
3.2 Contemporaneidade em Patrícia Melo .....	46
3.3 <b>Menos que um</b> e a Tradução Criativa .....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O romance **Menos que Um** de Patrícia Melo é um exemplo significativo da complexidade e riqueza que a literatura contemporânea pode oferecer, especialmente no que diz respeito às vozes e silenciamentos que permeiam sua narrativa. Neste contexto, a análise dessas vozes e dos silenciamentos presentes na obra permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e culturais que a autora aborda. Através da polifonia, um conceito central na teoria literária de Mikhail Bakhtin, é possível explorar como diferentes perspectivas e discursos coexistem e se interrelacionam no romance, criando um retrato multifacetado da realidade brasileira.

Bakhtin, em seu ensaio **Epos e Romance**, destaca que o romance, ao contrário do épico, é um gênero caracterizado pela multiplicidade de vozes e pela interação dialógica entre elas. Essa polifonia possibilita uma representação mais rica e democrática da realidade, permitindo que diversas visões de mundo sejam expressas e confrontadas. Em **Menos que Um**, Patrícia Melo utiliza essa estrutura polifônica para dar voz a personagens de diferentes contextos sociais e culturais, revelando as complexas interações entre eles e as tensões que marcam suas vidas.

Géorg Lukács, em sua teoria do romance, argumenta que este gênero é especialmente adequado para refletir as contradições e fragmentações da vida social e histórica. Lukács vê o romance como um meio para explorar as descontinuidades da modernidade e para entender as transformações sociais profundas que ocorrem na sociedade. Fábio de Lucas, por sua vez, enfatiza a importância do romance contemporâneo como um espaço de resistência e reflexão crítica sobre a sociedade. Segundo ele, a arte, especialmente na contemporaneidade, enfrenta o desafio de se manter relevante e capaz de provocar mudanças em um cenário de rápidas transformações tecnológicas e culturais.

Benjamin Abdala Júnior acrescenta a essa discussão ao analisar a relação entre literatura e poder, destacando como o romance pode servir como um espaço de contestação e de afirmação de identidades marginalizadas. Para Abdala Júnior, a literatura tem o potencial de dar voz aos silenciados, permitindo que narrativas excluídas da história oficial sejam ouvidas e valorizadas. Em **Menos que Um**, Patrícia Melo explora esse potencial ao abordar temas como violência,

marginalidade e desigualdade, utilizando a polifonia para criar um panorama complexo e multifacetado da sociedade brasileira.

No terceiro capítulo, abordamos a literatura e suas relações com outras artes na contemporaneidade, analisando como a obra de Patrícia Melo dialoga com outras formas de expressão artística e como essa interação enriquece a narrativa literária. A contemporaneidade em Patrícia Melo será explorada em termos de como a autora captura as nuances e desafios do mundo atual, refletindo sobre questões urgentes e relevantes. Finalmente, discutimos a tradução criativa na literatura, destacando como a capacidade de transformar e reinventar histórias e perspectivas é essencial para a vitalidade e a relevância da literatura contemporânea.

Em suma, a análise de **Menos que Um** de Patrícia Melo, à luz das teorias de Bakhtin, Lukács, Fábio de Lucas e Benjamin Abdala Júnior, revela a importância do romance como um gênero literário capaz de capturar a diversidade e a complexidade da experiência humana. Através da polifonia, Melo não apenas dá voz a uma gama diversificada de personagens, mas também critica as dinâmicas de poder que silenciam e marginalizam certas narrativas.

## I. ALGUMAS VOZES SOBRE TEORIA DO ROMANCE

Neste capítulo, apresentamos um olhar panorâmico sobre o romance social brasileiro a partir dos diálogos entre Geörg Lukács, Fábio Lucas, Benjamin Abdala Júnior. A partir desse olhar, propomos chegarmos a um mosaico no qual se insere a obra **Menos que um** de Patrícia Melo.

Georg Lukács, renomado filósofo e crítico literário húngaro, contribuiu significativamente para a teoria do romance. Sua abordagem valoriza o romance como uma forma artística capaz de refletir a realidade social de sua época de maneira complexa e profunda.

Para Lukács, o romance é uma representação da totalidade da vida humana, abrangendo não apenas aspectos individuais, mas também sociais e históricos. O autor assevera que o romance tem a capacidade única de retratar a complexidade das relações humanas e as contradições da sociedade, permitindo uma compreensão mais ampla e profunda da realidade.

Além disso, Lukács destaca a importância da personagem no romance, enfatizando que ela não deve ser apenas um indivíduo isolado, mas sim um reflexo das forças sociais e históricas que atuam sobre ela. As personagens representam tipos humanos que expressam as contradições e conflitos de sua época, contribuindo para a construção de um retrato autêntico e significativo da sociedade.

Fábio Lucas, crítico literário brasileiro, apresenta uma teoria do romance que destaca a importância da forma e da estrutura na obra literária. Segundo Lucas, o romance deve ser analisado levando em consideração não apenas o conteúdo, mas também a organização e a construção narrativa.

Para Lucas, a estrutura do romance é fundamental para a compreensão do seu significado e impacto. Ele enfatiza a importância da trama, dos personagens e da linguagem utilizada pelo autor como elementos centrais na construção da obra. Além disso, Lucas destaca a necessidade de uma análise crítica que leve em conta não apenas o contexto histórico e social, mas também os aspectos estéticos e formais da narrativa.

Benjamin Abdala Jr., teórico e crítico literário brasileiro, aborda o romance como uma forma artística que reflete as transformações sociais e históricas. Sua teoria valoriza a interação entre literatura e sociedade, destacando o papel do romance como um instrumento de compreensão e reflexão sobre o mundo.

Abdala Jr. enfatiza a importância do contexto cultural, político e histórico na análise do romance. Ele argumenta que as obras literárias, especialmente o romance, são produtos de seu tempo e refletem as ideias, valores e conflitos da sociedade em que foram produzidas. Nesse sentido, o romance não apenas entretém, mas também informa e provoca questionamentos sobre as estruturas e relações sociais vigentes.

Além disso, Abdala Jr. destaca a relação entre o indivíduo e a coletividade na narrativa romanesca. Ele observa como as personagens e tramas do romance revelam não apenas experiências individuais, mas também as interações e influências do meio social sobre esses indivíduos. Essa abordagem amplia a compreensão do romance como uma forma de arte que busca representar a complexidade da vida humana em sociedade.

Em suma, a teoria do romance segundo Benjamin Abdala Jr. enfoca a relação entre literatura e sociedade, destacando o papel do romance como um espelho que reflete e interpreta as transformações e desafios do mundo ao seu redor. Ele ressalta a importância da análise contextual e da compreensão das relações sociais na apreciação e interpretação das obras romanesca.

### **1. 1 O romance e suas pautas emergentes: diálogos com Lukács**

A teoria do romance de Georg Lukács, filósofo e crítico literário húngaro, destaca-se por sua abordagem marxista e análise profunda da forma literária. Lukács, em sua obra **A Teoria do Romance**, explora a interação entre indivíduo e sociedade, ressaltando o papel do romance na representação da totalidade social. O autor enfatiza a capacidade do romance de refletir as contradições e mudanças históricas, analisando as personagens como portadoras das tensões sociais. Essa perspectiva oferece uma compreensão única da relação entre literatura e contexto histórico. Além disso, ele buscava valorizar também a interconexão entre arte e realidade, buscando sempre compreender como as obras literárias refletem e, ao mesmo tempo, intervêm na sociedade em que são desenvolvidas.

A abordagem neorromântica, anticapitalista, que fala em valores, essência, substância, conceitos universais de Lukács sobre o "outro" reflete sua busca por considerar o legado hegeliano na compreensão da subjetividade e da dialética. Ao

integrar elementos românticos e idealistas, Lukács busca uma síntese que reconheça a importância das experiências individuais na construção da realidade, mantendo-se enraizado nas ideias hegelianas sobre a interconexão entre sujeito e objeto. Seu trabalho busca superar dicotomias simplistas, promovendo uma visão mais complexa e holística do papel do "outro" na formação da consciência e da sociedade, ao estudar "a dialética histórico-filosófica das formas de arte".

Vale frisar que nesse período, a base teórica de Lukács era predominantemente idealista, em consonância com o pensamento de Kant e Hegel. Como evidencia o prefácio, o autor, além do Kierkegaard de origem dinamarquesa, também é significativamente influenciado por românticos alemães como Goethe, Schiller, Solger e Schlegel. Essas são apenas algumas das influências mais proeminentes no texto. Vejamos:

Essa é a era da epopeia. Não é a falta de sofrimento ou a segurança do ser que revestem aqui homens e ações em contornos jovialmente rígidos [...] mas sim a adequação das ações às exigências intrínsecas da alma: à grandeza, ao desdobramento, à plenitude. (LUCÁKS, 200, p. 26).

Sendo assim, em Lukács, a crítica origina-se do mesmo contexto, e o desafio imposto à arte é análogo: abordar a divisão e descobrir uma expressão adequada para representá-la. No entanto, aqui, não se trata de emular a "perfeição" dos antigos, como Johann Joachim Winckelmann um historiador da arte alemão do século XVIII, conhecido por suas contribuições significativas para o estudo da arte clássica grega e romana. Sua teoria principal, expressa em sua obra **Geschichte der Kunst des Alterthums (História da Arte da Antiguidade)**, defendia a ideia de que a arte grega alcançou a perfeição máxima no século V a.C. durante o período clássico. Ele valorizava a beleza idealizada, a simetria, a harmonia e a simplicidade das formas na arte antiga, influenciando profundamente o neoclassicismo europeu.

Nem de transcender a ruptura, distanciando-se da antiguidade e proclamando a dissolução dos gêneros e o advento de um gênero único na poesia romântica, como August Wilhelm Schlegel foi um filósofo, crítico literário e tradutor alemão do século XVIII e XIX, associado ao movimento do romantismo alemão. Uma de suas teorias mais importantes foi a ideia de que a arte é um reflexo da alma do artista, e que a compreensão de uma obra de arte requer uma apreciação da subjetividade por trás dela. Ele também enfatizou a importância da literatura e das artes na

formação cultural de uma sociedade, defendendo a ideia de que a arte desempenha um papel crucial na busca pela verdade e na expressão das emoções humanas. Em vez disso, trata-se de assinalar a divisão, afirmar sua presença, ousando assim permanecer no "meramente existente", revelando, por fim, a impossibilidade de ressuscitar a epopeia antiga na civilização moderna. Se já não é possível qualquer renovação ou imitação criativa, resta pensar no romance, na epopeia moderna, na sua especificidade histórica, penetrando na experiência conflituosa do cisma, da suspensão da reconciliação, da sustentação da cisão ao máximo, até ao ponto de torná-lo um emblema da modernidade.

O fim da antiguidade é confirmado pela morte da epopeia antiga, que é reforçada e marcada pela divergência de subjetividade e significado, sugerindo a necessidade de uma nova forma, o romance. Agora é necessário notar esta distância, esta nova situação transcendental, ou seja, compreender que se trata de uma transição da transcendência divina para a terrena, que Lukács chama de "demoníaca" e ou entender o romance como uma "expressão simbólica"; sobre a impossibilidade de harmonia no mundo.

A forma épica, portanto, refletia uma estrutura temporal; na epopeia antiga, destacava-se a integração entre "eu e o mundo, ser e destino, aventura e perfeição, vida e essência". O sentido era familiar, "tangível e visível", enquanto o espírito simplesmente acolhia ou identificava tal significado. Assim, o princípio da imitação era o elemento formal que delineava essas culturas fechadas e homogêneas, onde, segundo Lukács, "criar" tinha seu significado "apenas copiar essencialidades visíveis e eternas" (LUKÁCS, 2000, p. 29). Não havia separação entre estética e ética, entre o belo e o útil, nos termos de Lukács, pois "toda a ação é somente um traje bem-talhado da alma" (LUKÁCS, 2000, p. 29).

Ao contrário, na modernidade, uma combinação perfeita entre o indivíduo e o mundo já não é possível, porque o primeiro tornou-se problemático e o segundo condicional; "não existe mais uma totalidade espontânea do ser"; está oculto, indescritível. E a forma novelística anuncia precisamente esta situação de exílio total. Porém, os homens nunca deixarão de desejar a totalidade perdida. Se antes a totalidade era espontânea, imediata, agora é artificial, produtiva: ao mesmo tempo um desejo, uma ausência.

Nessa linha de pensamento podemos nos intrigar com algumas perguntas relevantes, por exemplo, se a Grécia é um passado morto, se a ressurreição do

helenismo não é possível, se o mundo já não é homogêneo, se o estado moderno é de fragmentação, como podemos falar da unidade do ser com o mundo, da transcendência? Como pode o romance articular a vida, torná-la necessária ou criar uma ligação entre a transcendência e a imanência, entre o ser e o mundo? Não seria um procedimento fadado ao fracasso?

A respostas dessas perguntas encontradas por Lukács é original, porque, através de um procedimento que chamaremos de simbolização esvaziada, ele ainda mantém um diálogo com a referência antiga e ao mesmo tempo se afasta da solução romântica do problema da relação entre natureza e história. Ou seja, para Lukács o romance não é uma apoteose formal, uma síntese de todos os gêneros como em Schlegel, mas possui uma especificidade, uma configuração própria na caracterização da época, que precisa ser desvendada.

Para o autor, o tempo presente é constitutivo e não um tempo intermediário. Como vimos, a teoria do romance preocupa-se com o presente, com o que ele é, condenando a ingenuidade e a melancolia desta subjetividade transformada em objeto próprio, que deve refletir porque não pode agir, desta "alma vergada sob ideais". Todo o arcabouço argumentativo da obra visa enfatizar o recorte temporal, vejamos:

A vida própria da interioridade só é possível e necessária, então, quando a disparidade entre os homens tornou-se um abismo intransponível; quando os deuses se calam e nem o sacrifício nem o êxtase são capazes de puxar pela língua de seus mistérios; quando o mundo das ações desprende-se dos homens e, por essa independência, torna-se oco e incapaz de assimilar em si o verdadeiro sentido das ações, incapaz de tornar-se um símbolo através delas e dissolvê-las em símbolos; quando a interioridade e a aventura estão para sempre divorciadas uma da outra. (LUKÁCS, 2000, p. 66).

Na segunda parte do ensaio, Lukács propõe uma classificação das formas romanescas. Ele destaca, por um lado, no idealismo abstrato, uma restrição da alma em relação ao mundo, e por outro, no romance de desilusão, uma restrição do mundo em relação à alma. Entre perder-se e uma adesão incondicional ao mundo, surge um herói que se destaca por meio de uma solidão resignada. É no romance de formação, que sintetiza o idealismo abstrato e o romance de desilusão, que a forma alcança sua máxima expressão. O romance de formação pode proporcionar o que Lukács denomina "experiência compreensiva", ou "reflexão polêmica", isto é,

"uma experiência que se esforça por ser justa com ambos os lados e vislumbra, na incapacidade da alma em atuar sobre o mundo, não só a falta de essência deste, mas também a fraqueza intrínseca daquela" (LUKÁCS, 2000, p. 143).

Nesse aspecto o caráter mais distintivo de Lukács é a figura da ironia, novamente uma figura romântica: um ponto de vista que ao mesmo tempo não está satisfeito com o mundo, mas não se distancia dele. É a ironia o principal elemento do herói problemático, que se manifesta em sua natureza demoníaca. Agora, num mundo sem Deus, o demoníaco é o seu substituto: a tendência da alma a separar-se completamente de tudo o que não é essência; persegui-lo urgentemente, mesmo que apenas para reafirmar a sua impossibilidade. É por esta razão que Lukács, na sua tipologia da forma do romance, atribui ao Dom Quixote de Cervantes o grande sucesso do romance na forma de idealismo abstrato, o mérito de ser "primeira grande batalha da interioridade contra a infâmia prosaica da vida exterior". A ironia, como autossuperação da subjetividade que foi aos limites, é a mais alta liberdade possível num mundo sem Deus" (LUCAKS, 2000, p. 96).

Outros nomes falam sobre o a ironia, como Schlegel, que para ele a ironia é o elo que apreende a realidade como provisória, tornando relativo e suportável o presente cindido em relação a um futuro unificado na poesia, para Lukács a negatividade da situação só pode ser ultrapassada pela ação. Outro autor, é Guy Haarscher, para ele a problemática da forma em **A Teoria do Romance** remete ao sistema hegeliano, para a qual a essência não é mais apenas o ideal subjetivo, mas é o "espírito que se manifesta ele mesmo progressivamente na dialética dos fenômenos culturais e sociais"; a forma que se manifesta por meio das "figuras do tempo". Ora, esta preocupação não parece inteiramente justificada, especialmente se soubermos do desenvolvimento futuro da obra de Lukács: a totalidade, que era considerada a relação ontológica entre o eu e o mundo, transformada em 1923 de história e consciência de classe, em totalidade social e histórica.

De tal forma que se a reflexão permitida pelo romance termina numa observação quase perversa do triunfo da ironia como forma inevitável de "profunda desesperança", estamos perante uma perspectiva trágica mas nunca niilista, pois o romance não tem perdeu-se no mundo dos sonhos, das ilusões e da imaginação, nem sucumbiu à atração das coisas sobre si, das simples aparências, ao descrever ingenuamente o mundo empírico; pelo contrário, aprofundou a inadequação de um

mundo que se tornou opaco, denunciando a sua insignificância, o que falta, a sua alegada autossuficiência, a sua “segunda natureza”.

Ao aplicar a visão de Lukács ao romance **Menos que Um** de Patrícia Melo, algumas considerações podem ser feitas, conforme enumeramos a seguir:

A princípio, Lukács valorizava a capacidade do romance de representar a totalidade da vida social. Nesse sentido, em **Menos que Um**, Melo apresenta uma narrativa que explora o submundo do crime e da violência urbana no Brasil contemporâneo, fazendo vir à tona, as consequências do abandono, característica recorrente no romance neorrealista de nosso tempo. A autora expõe a interconexão entre diferentes camadas sociais e as tensões resultantes da desigualdade e da corrupção, como prática normalizada em nosso País, seja na esfera pública, seja na esfera privada.

Para Lukács, o contexto histórico é crucial na construção de um romance significativo. Em **Menos que Um** o contexto atual da história do Brasil, de certo modo extensivo a grande parte do mundo, principalmente nos ditos países, de emergentes a pobres, aparece com grande força. É ambientado no Brasil atual, um período marcado por altos índices de criminalidade e problemas socioeconômicos. A obra de Melo reflete as preocupações contemporâneas da sociedade brasileira, oferecendo uma crítica social incisiva.

Lukács argumentava que personagens bem-desenvolvidos devem representar tipos sociais que revelam a essência de suas condições históricas e sociais. Os personagens da obra em análise podem ser vistos como representações inequívocos dos diversos segmentos da sociedade brasileira, ilustrando também outras sociedades de outras nações. Estão presentes nesse mosaico, desde membros do submundo do crime até cidadãos comuns afetados pela violência urbana. Cada personagem contribui para a compreensão do ambiente social mais amplo.

A análise de Lukács destaca a importância de se expor as contradições sociais em um romance. **Menos que Um** apresenta essas contradições através do conflito entre o desejo de sobrevivência individual e as forças opressivas da sociedade. A luta dos personagens contra um sistema corrupto e violento ilustra essas tensões de maneira vívida.

A partir da perspectiva de Georg Lukács, **Menos que Um** de Patrícia Melo pode ser visto como um romance que captura a totalidade social e reflete as

complexidades e contradições da vida urbana contemporânea no Brasil. A obra se alinha com a visão lukacsiana ao abordar questões históricas e sociais relevantes, proporcionando uma crítica profunda e realista da sociedade.

## 1. 2 Revisitando o romance social brasileiro

**O Caráter Social da Ficção no Brasil** de Fábio Lucas explora a intersecção entre literatura e sociedade no contexto brasileiro. Lucas analisa como a ficção reflete e influencia questões sociais, abordando temas como identidade, cultura e as relações entre as classes. O autor destaca a importância da literatura como espelho da realidade e ferramenta de reflexão crítica, oferecendo insights sobre a complexidade das dinâmicas sociais no Brasil através da lente literária.

Acrescentando o romance **Menos que um** de Patrícia Melo, no qual mergulharemos mais para frente, podemos observar uma representação vívida das tensões sociais e das injustiças presentes na sociedade brasileira, enriquecendo ainda mais a análise de Lucas sobre a interação entre ficção e realidade social.

A obra de Patrícia Melo é um romance que mergulha nas dinâmicas sociais complexas do Brasil contemporâneo, destacando as experiências de personagens que pertencem a minorias e enfrentam opressões em diferentes níveis. Cada personagem representa uma faceta única da interação social e das lutas por direitos.

Destacamos a personagem Glenda, uma mulher transgênero que enfrenta uma série de desafios e preconceitos em sua jornada. Sua interação social revela as barreiras enfrentadas por pessoas trans, desde a discriminação até a falta de acesso a direitos básicos e respeito pela sua identidade de gênero. Como por exemplo, quando precisou de ajuda hospitalar por apanhar do seu antigo cafetão Poste e precisar ser internada e não aceitaram seu nome social, foi internada com o nome de batismo “Weverton Freitas” e ficou nos corredores da ala masculina.

Saindo do elevador, encontrou Glenda dormindo numa cama no corredor da enfermaria masculina. Como uma múmia, seu rosto estava inteiramente enfaixado com gaze, só os olhos e a boca machucada ficavam à mostra. Jéssica se aproximou do leito e segurou a mão da amiga. Olhou ao redor. Todo o local estava ocupado por homens. (MELO, 2022, p. 69).

Outro exemplo é a Seno Chacoy. Como um vulto alegórico da realidade dos empregados que trabalham para prefeitura na época da pandemia no Brasil, Chacoy lida com a invisibilidade social e a exploração de seus direitos trabalhistas. Sua interação social destaca as desigualdades econômicas e sociais que perpetuam a marginalização de certos grupos na sociedade, por ser venezuelano.

Deixara San Cristóbal aos quarenta anos, no momento em que o preço do frango, vendido por traficantes de droga que então dominavam o mercado paralelo de alimentos, equivalia a um mês de salário na marcenaria de onde fora despedido. Foi um amigo que lhe arranhou o emprego de destrinchador de pernis num frigorífico brasileiro. No primeiro Natal que passou nessas terras, numa confraternização paroquial, conheceu a viúva Ana Rosa, doze anos mais velha e proprietária de uma pequena sorveteria de bairro na periferia de São Paulo, para onde Seno Chacoy se transferiu na sequência. Ali o novo casal viveu feliz até a sorveteria ter todo o maquinário destruído por uma enchente. Após a desilusão com o comércio, e depois de conseguir uma vaga como motorista de caminhão-pipa, num projeto de inserção no mercado de trabalho para imigrantes, sua aspiração narcísica de vingança mudou um pouco. Imaginava-se fotografado em casa, ao lado da mulher, dando uma entrevista, cujo título seria: “A Venezuela não conseguiu acabar comigo”. Ou: “A Venezuela é o câncer da América Latina”. (MELO, 2022, p. 43, 44).

Chilves, um jovem negro que enfrenta o racismo estrutural em diversas esferas de sua vida, desde o acesso limitado a oportunidades até as interações cotidianas marcadas pelo preconceito racial. Sua trajetória revela as dificuldades enfrentadas por pessoas negras em um país onde a questão racial ainda é uma ferida aberta, além disso, foi preso e injustiçado pela polícia pelo simples fato de ser negro e morar nas ruas. Mesmo sendo honesto, e catador de lixo, alegaram que ele estava com uma quantidade exorbitante de drogas nos bolsos, meses depois, a advogada alegou, em sua defesa, que nem bolso na sua bermuda havia. Vejamos:

– Veja bem, Meritíssimo, cadê os bolsos? Não tem, como o senhor pode notar. E mesmo que tivesse, Meritíssimo, não caberiam neles...  
– nesse ponto, ela parou para ler o auto de flagrante – ... os duzentos e setenta papelotes de droga que os policiais alegaram ter encontrado no calção usado pelo suspeito. Nos dias seguintes, ele não conseguia deixar de pensar no que lhe parecia mágico: dra. Roberta transformando água em vinho. Como ela pensara na bermuda, na quantidade de papelotes, na ausência dos bolsos para esfregar na cara do juiz que ele não era traficante, mas – como ela mesma dizia em todo encontro – uma vítima do Estado carcerário. Do Estado racista. (MELO, 2022, p. 166).

Jéssica. Uma jovem que foi para rua devido as mazelas da vida e engravida em meio a prostituição e as drogas e é internada sem seu consentimento em uma clínica religiosa. Jéssica, namorada de Chilves, que por muito tempo na história narrada por Patrícia Melo, não usou drogas, nem se prostituiu quando estava ao lado de Chilves, catador de lixo, ela tentava organizar sua vida trabalhando com sua amiga Glenda. Até que um dia, em uma operação policial prenderam seu namorado e ela ficou desorientada. Ou seja, aqui já se percebe claramente a evidência da polifonia existente no livro, suas várias vozes e silenciamentos feitos pela autora, no qual vamos elencar em conformidade com a teoria de Michael Bakhtin mais para frente.

Esses personagens e suas interações sociais em **Menos que um** evidenciam as múltiplas formas de opressão e desigualdade presentes na sociedade brasileira, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre as questões de minorias e direitos humanos no contexto contemporâneo.

A perspectiva sociológica que será levada em conta no livro em questão será quando o destino de uma personagem ou de um grupo de personagens estiver ligado ao destino da comunidade global da qual faz parte, sob a pressão de forças fundamentais que historicamente dão origem a tensões entre indivíduos e grupos.

Dessa forma, Fábio Lucas delimitará o campo de análise deixando de considerar a literatura brasileira em seu todo, excluindo, por exemplo os romances que traduzem “crônicas de costumes”, isto é, um relato fragmentado e parcial da sociedade, desligando se sua estrutura fundamental. Outro ponto que é desprezado pelo autor são os tipos psicológicos que exprimem apenas uma revolta ou inadaptação pessoal a determinado estado de coisas.

Fábio Lucas concretiza que a unidade menor da ficção social, a personagem, aquela identificada com seu destino de sua classe pode ter visão totalizante da sociedade: na medida em que encara a função e as aspirações da classe, denunciando os obstáculos da emergência dela no cenário social e ocupa o lugar devido na mecânica do progresso humano, é que a personagem se reconhece nas devidas proporções e contempla a humanidade, todos aqueles que estão em sua volta em uma perspectiva global e histórica.

Assim sendo, para o autor fecha-se o ciclo humano e “herói” se vê irremediavelmente ligado a ele. Dessa forma passa a ter, uma certa totalidade da

parcela e uma visão em conjunto, entre a divisão cósmica para compreender as próprias dimensões e agir em conformidade com elas, ou seja, torna-se real.

**O Caráter Social da Ficção do Brasil** aborda também os elementos de romance social, político e proletário, oferecendo uma reflexão sobre a interseção desses temas na literatura brasileira. Vejamos:

Costuma-se distinguir o romance social do romance político. Naquele, o elemento coletivo ocupa o primeiro plano e sua técnica preferida é o contraponto. No romance político predomina o elemento individual. Daí sua maior temática, pois não pretende apresentar o processo social na sua ebulição". (LUCAS, 1931, p. 11).

Assim, o romance social enfoca uma tragédia coletiva, não se apoiando em personagens principais, como é o caso do romance **Menos que um**, de Patrícia Melo que será enaltecido no último capítulo. Enquanto no romance político registra grupos dentro de uma coletividade e privilegia poucas personagens ou apenas uma.

Dessa forma podemos mencionar que Fritz Teixeira de Salles foi um jurista brasileiro conhecido por suas contribuições no campo do Direito. Uma das teorias atribuídas a ele é a ideia de que o Direito é um fenômeno social em constante transformação, moldado pelas relações e necessidades da sociedade em que está inserido. Salles acreditava na importância de analisar o Direito não apenas como um conjunto de normas estáticas, mas sim como um reflexo dinâmico das demandas sociais e das mudanças históricas, culturais e políticas. Essa abordagem enfatiza a contextualização do Direito dentro do contexto social mais amplo e sua evolução ao longo do tempo.

Ele destaca que, na Grécia, os *rapsodos* recitavam as glórias passadas, enquanto os *bardos* narravam os eventos presentes. Os romancistas sociais seriam herdeiros dos primeiros, enquanto os romancistas políticos teriam afinidade com os segundos. A distinção crucial, para o autor, é que na Grécia o herói operava em um mundo ideal, sem polêmicas, enquanto o romance político reflete esteticamente lutas pelo poder.

Em última análise, surge uma terceira categoria: o romance proletário, que representa a perspectiva do trabalhador nas relações sociais, tanto na ação quanto na reflexão. Quanto ao romance proletário no Brasil, tem pouca expressão, pois os trabalhadores ainda não dispõem do tempo necessário para se dedicarem à cultura

intelectual e à expressão artística. Além disso, nossa consciência de classe ainda está em estágio inicial. Como é sabido, é apenas na fase avançada do capitalismo que ocorre a ruptura do vínculo que prende o trabalhador ao seu labor. O fruto final de seu esforço tende a se distanciar cada vez mais dele, sendo apropriado por outros e transformado em poder. Isso nos leva a afirmar que o trabalhador inadvertidamente contribui para os instrumentos de sua própria subjugação.

Voltado para a tradição brasileira do romance, podemos assinalar que o efeito *telúrico*, no qual o lado dramático aparece com a inadaptação da personagem ao meio físico, além disso o romance de *costumes urbanos*, em que a tensão resulta nessa inadaptação da personagem no meio social.

Ao analisarmos a tradução brasileira do romance é gênero?, é perceptível o efeito telúrico, que se manifesta pela dramática inadaptação da personagem ao ambiente físico. Além disso, o enredo retrata costumes urbanos, onde a tensão resulta da desconexão da personagem com o meio social. O efeito telúrico, neste contexto, refere-se à sensação de deslocamento da personagem, cuja origem está no meio rural, mas que se encontra deslocada no ambiente urbano. Assim, ela está fora de seu habitat natural, o que amplifica seu conflito e estranhamento em relação ao mundo ao seu redor. Dessa forma podemos concluir que, definitivamente, o romance ou o conto moderno diferem da epopeia, porque procuravam o mundo desmitificado.

O romance neorrealista, como conhecido, rejeita a análise psicológica por meio da introspecção ou monólogos. No contexto brasileiro, o Realismo e, especialmente, os recursos do romance social, frequentemente buscam representar na ficção os grupos menos favorecidos pela sorte. Isso levou à concepção equivocada de que o tema social se revela na exploração das patologias sociais, focando na população economicamente marginalizada e insatisfeita.

O autor traz em sua obra o advento da questão social, como o humanismo burguês, no qual ele elenca que nem o período do Realismo-Naturalismo, nem a fase da literatura “fim-de-século”, nem no período pré-modernista são contemporâneos de profundas mudanças sociais ou de nível de aspirações nacionalmente conflitantes. Talvez o episódio mais expressivo tenha sido a libertação dos escravos, para a qual, descontados os motivos de ordem econômica, muito contribuiu a mobilização política de classe média nas cidades.

Exemplo claro da situação exposta, é a **Escrava Isaura** (1875), de Bernardo Guimarães, obra a qual foi baseada na simpatia e na piedade para com o negro. A negritude, a discriminação e o poder escravagista são observados a uma luz indireta, ocultando, mais que desvelando, o verdadeiro problema social. Logo mais, Aluísio Azevedo, influenciado pela escola naturalista, escreveria **O mulato** (1881), inspirado no problema racial.

Outro exemplo que é exposto pelo autor é **O cortiço** (1890), de Aluísio Azevedo. Vejamos:

O mais venturoso livro do Naturalismo brasileiro talvez seja *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, análise da miséria econômica e social do negro e do mestiço, explorados pelo branco português, locador de cubículos. Este estabelecimento, é posto em confronto com outro, também intrigante, que se torna rico por via do casamento e titular de um baronato. [...] Estuda-se o problema da habitação coletiva, dá-se ênfase à miséria e à exploração, seguidas de seu necessário ingrediente: a mancebia e a prostituição. Quando o português que explora o cortiço apela para a polícia para pôr ordem naquele pequeno mundo de sofrimento e de discórdia, a população, retalhada por divergências e identificando talvez o proprietário explorador com os agentes da lei e, remotamente, como uma ordem legal, tem momentos de solidariedade, até que uma louca atea fogo no conjunto. (LUCAS, 1931, p. 21).

À guisa de comparação, trazemos para a discussão aqui, o romance **O Cortiço** de Aluísio Azevedo, a fim de cotejarmos brevemente com **Menos que Um** de Patrícia Melo, buscando enfatizar o modo como este último apresenta elaborações estilísticas singulares, próprios da linguagem contemporânea, ao tratar de um tema que se aproxima. Embora escritos em períodos distintos e com abordagens diferentes, compartilham várias características e temas que os tornam comparáveis.

Aqui estão alguns pontos em comum, como o realismo e crítica social. É um exemplo clássico do realismo brasileiro, com uma forte ênfase na crítica social. Azevedo descreve a vida no cortiço com um olhar atento às condições sociais e econômicas, expondo as desigualdades e a opressão enfrentadas pelos moradores. Patrícia Melo também utiliza uma abordagem realista para expor a violência urbana e a criminalidade no Brasil contemporâneo. Sua narrativa oferece uma crítica incisiva das condições sociais, explorando temas como corrupção, desigualdade e o impacto do crime na vida das pessoas.

Ambiente Urbano, no **Cortiço** o ambiente do cortiço é central na narrativa, funcionando quase como um personagem por si só. Ele simboliza a degradação social e a luta pela sobrevivência em um contexto urbano. Já no romance **Menos que Um**: A ambientação urbana é igualmente crucial. Melo descreve a cidade como um espaço onde a violência e o crime são onnipresentes, refletindo os desafios da vida urbana moderna.

Personagens Coletivos, em **O Cortiço**, Azevedo apresenta uma ampla gama de personagens que representam diferentes segmentos da sociedade brasileira do século XIX, incluindo trabalhadores, imigrantes e marginalizados. Entretanto, em **Menos que Um** embora com uma abordagem mais focada em personagens individuais, Melo também retrata uma variedade de figuras que exemplificam diferentes aspectos da sociedade contemporânea, incluindo criminosos, vítimas e autoridades.

Determinismo e Influência do Meio, o romance de Azevedo é influenciado pelo naturalismo, enfatizando como o ambiente e as condições sociais determinam o comportamento e o destino dos personagens. Enquanto Melo não segue estritamente os preceitos naturalistas, ela também explora como o contexto social e econômico influencia a vida dos personagens, especialmente em relação à violência e à criminalidade.

Denúncia das Desigualdades Sociais, Azevedo denuncia as profundas desigualdades sociais e as condições desumanas enfrentadas pelos moradores do cortiço. Melo destaca as desigualdades e as injustiças do sistema social brasileiro contemporâneo, focando-se em como estas contribuem para a criminalidade e a violência.

Ambos os romances compartilham uma forte crítica social, uma representação realista das condições urbanas e um foco nas desigualdades sociais. Eles utilizam seus personagens e ambientações para explorar e expor as falhas e tensões da sociedade brasileira, cada um em seu respectivo contexto histórico.

Esses são exemplos da ficção naturalista, nos quais os problemas primordiais da sociedade ficam a margem da literatura científica, ou até mesmo como demonstra o autor dos sacrifícios em favor de caracteres excepcionais e determinismo mecânico.

Além de várias outras obras elencadas no livro do autor Fábio Lucas, é interessante ressaltar sua fala sobre as minorias da ficção brasileira, no sentido de

que, a classe dominante brasileira trabalhou, ao longo dos séculos, uma informação ideológica que disfarça a intensa miscigenação a que o País se submeteu, aquela famosa expressão de que “somos brancos com costumes europeus”. Esse fator projetou-se na literatura de ficção de tal modo que, diferente da literatura norte americana, não menciona o índio ou o preto como *sujeito* do foco da narrativa.

Outro ponto elencado na obra é o estatuto da mulher, no qual discorre sobre a mulher, que poderá classificar-se no contexto brasileiro das minorias, no qual o autor afirma que: “socialmente a mulher é minoria”. A representação dos sentimentos femininos na relação amorosa percorre um extenso caminho na ficção ocidental. Nas novelas de cavalaria, o amor era simplificado pela narrativa das proezas do cavaleiro em busca da dama desejada.

No romantismo, o casamento idealizado era a meta ambiciosa dos parceiros, indicando um final feliz. Já no Realismo-Naturalismo, a união amorosa era influenciada por fatores biológicos, hereditários, mesológicos ou ambientais, tornando a busca pelo prazer algo muitas vezes considerado antinatural, especialmente para a protagonista guiada por impulsos tidos como mórbidos.

No cenário brasileiro, o autor menciona duas autoras, sendo elas: Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles proporcionaram a expressão da consciência feminina. A utilização do estilo indireto livre, uma conquista da ficção moderna explorada por ambas, viabiliza a revelação constante dos desejos e intenções das personagens femininas.

Por fim, é nítido que o autor discorre sobre vários problemas enfrentados que envolvem a concepção da narrativa no Brasil. A substância temática, pelo que foi dito, ocorreu paralelamente com os modos de produção da economia e com o desenvolvimento político do país.

### **1.3 Itinerários do romance brasileiro**

**O Romance Social Brasileiro** é uma obra que mergulha nas profundezas da literatura brasileira, explorando as complexidades da sociedade e da cultura do Brasil através das lentes do romance. Neste livro, o autor examina de forma minuciosa as obras e os autores que moldaram e refletiram as diversas facetas da realidade social brasileira ao longo dos séculos. Desde as representações das camadas sociais e das lutas de classes até as questões de identidade, gênero e

política, este livro oferece uma análise abrangente e perspicaz do papel do romance na construção e na compreensão da sociedade brasileira. Com uma mistura de crítica literária, análise cultural e histórica, **O Romance Social Brasileiro** convida o leitor a mergulhar em um rico panorama da literatura nacional e a refletir sobre as interseções entre arte, sociedade e humanidade.

O autor utiliza uma linguagem acessível e personagens complexos para conduzir o leitor por uma jornada emocional e intelectual, explorando temas como a urbanização desordenada, a corrupção política, a violência urbana e as dificuldades enfrentadas pelos mais vulneráveis.

Um dos pontos fortes do romance é a sua capacidade de humanizar os personagens, tornando suas lutas e aspirações palpáveis para o leitor. Ao acompanhar as trajetórias desses indivíduos, o leitor é confrontado com a dura realidade vivenciada por muitos brasileiros, o que gera reflexões profundas sobre a sociedade e suas estruturas.

Além disso, o livro também se destaca por sua análise crítica e perspicaz da história e da cultura brasileira. Abdala Júnior não apenas retrata os problemas contemporâneos, mas também lança luz sobre as raízes históricas dessas questões, mostrando como o passado continua a moldar o presente.

Outro aspecto importante do livro é sua mensagem de esperança e resistência. Apesar das adversidades enfrentadas pelos personagens, há um tom de otimismo e uma crença na possibilidade de mudança e transformação social.

O autor não se resigna diante das injustiças, mas sim incentiva o leitor a refletir e agir em busca de um mundo mais justo e igualitário.

Em suma, **O Romance Social Brasileiro** de Benjamin Abdala Júnior é uma obra impactante que convida o leitor a uma profunda reflexão sobre a sociedade brasileira, suas contradições e seus desafios. Com uma narrativa envolvente, personagens cativantes e uma mensagem poderosa, o livro se destaca como uma contribuição significativa para a literatura nacional e para o debate sobre as questões sociais no Brasil.

O Neorrealismo no romance social brasileiro em decorrência da contemporaneidade se manifesta como uma abordagem literária que busca retratar de forma crua e realista a vida das pessoas comuns em meio às complexidades da sociedade moderna. Essa corrente literária tem suas raízes no movimento

neorrealista italiano do século XX, mas adaptada ao contexto brasileiro e às questões específicas enfrentadas pelo país.

No contexto contemporâneo, o neorrealismo no romance social brasileiro se destaca por sua preocupação em dar voz aos marginalizados, explorar as desigualdades sociais e políticas, e revelar as contradições e injustiças presentes na sociedade. Autores como Benjamin Abdala Júnior, por exemplo, utilizam essa abordagem para mergulhar nas realidades cruas e muitas vezes invisíveis da população brasileira.

Uma das características marcantes do neorrealismo no romance social brasileiro é a ênfase na autenticidade e na verossimilhança. Os escritores desse gênero buscam retratar os cenários e personagens de forma tão realista que o leitor possa se identificar e reconhecer as situações apresentadas como parte de sua própria experiência ou da realidade que o cerca.

Além disso, o neorrealismo no romance social brasileiro também se preocupa em contextualizar as histórias dentro de um panorama mais amplo, destacando as questões sociais, econômicas e políticas que influenciam diretamente a vida das pessoas retratadas. Isso inclui temas como pobreza, violência urbana, corrupção, discriminação, entre outros.

Outro aspecto importante é a abordagem humanista e empática dos personagens. Os escritores neorrealistas brasileiros tendem a criar personagens multifacetados, com dilemas morais, sonhos e aspirações, mostrando que mesmo em meio às adversidades, há espaço para a dignidade, a esperança e a luta por uma vida melhor.

Em resumo, o neorrealismo no romance social brasileiro em decorrência da contemporaneidade representa uma forma poderosa de dar voz aos excluídos, denunciar as injustiças sociais e promover uma reflexão profunda sobre a realidade brasileira. Essa abordagem literária desafia o leitor a confrontar as questões mais urgentes e a pensar em soluções para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Podemos mencionar também, a perda da aura de Valter Benjamin, que é tema central que perpassa tanto a obra de Benjamin Abdala Júnior quanto o conceito do **Romance Social Brasileiro**. A relação entre esses elementos é profunda e reveladora da abordagem literária e temática do autor.

No contexto do **Romance Social Brasileiro**, a perda da aura também pode ser entendida como uma representação simbólica das transformações sociais, políticas e culturais que impactam a sociedade brasileira contemporânea. A ideia de perda da aura está relacionada à perda de valores tradicionais, à desilusão com instituições e estruturas de poder, e à busca por novos significados e identidades.

Abdala Júnior utiliza a história de Valter Benjamin como um microcosmo das experiências coletivas dos brasileiros, destacando as consequências emocionais e psicológicas da perda da aura em um contexto social marcado por desigualdades, corrupção e violência. Através da jornada de Valter Benjamin, o autor explora temas como desesperança, resiliência, solidariedade e resistência.

Ao mesmo tempo, o conceito de perda da aura também está ligado à crítica social presente no **Romance Social Brasileiro**. Abdala Júnior, assim como outros autores desse gênero literário, busca revelar as contradições e injustiças da sociedade brasileira, questionando mitos e idealizações para revelar a realidade por trás das aparências.

A relação entre a perda da aura de Valter Benjamin e o **Romance Social Brasileiro** evidencia a capacidade do autor de criar uma narrativa que vai além do individual, conectando as experiências pessoais dos personagens às questões coletivas do país. Essa interconexão enriquece a obra ao proporcionar uma reflexão profunda sobre a condição humana em um contexto social complexo e em constante transformação.

**O Romance Social Brasileiro** é uma obra que examina a evolução do romance no Brasil, destacando a ascensão do gênero e seu papel na representação e crítica da sociedade. Ao relacionar esta análise com **Menos que Um** de Patrícia Melo, é possível identificar várias conformidades em termos de ascensão do romance, realismo formal e mapeamento da sociedade.

A ascensão do romance social brasileiro está intimamente ligada ao desejo dos escritores de capturar e refletir as complexidades sociais, econômicas e políticas do país. Desde o final do século XIX, com autores como Aluísio Azevedo, até a contemporaneidade, o romance brasileiro tem se esforçado para narrar a realidade social de forma crítica e realista.

O realismo formal refere-se ao uso de técnicas narrativas que buscam representar a realidade de forma detalhada e precisa, sem idealizações. Essa abordagem é uma característica central do romance social brasileiro.

Em **Menos que Um**, Melo utiliza uma narrativa detalhada para descrever a vida urbana e os aspectos sombrios da sociedade brasileira. Seu estilo realista capta a brutalidade e a desesperança presentes nas vidas dos personagens, que são maltratados, injustiçados, condenados, humilhados, tem seus direitos negados etc.

Os personagens de Melo são complexos e bem desenvolvidos, representando diferentes facetas da sociedade. Essa abordagem está em conformidade com o realismo formal, que busca criar figuras que são produtos de seu ambiente social e histórico.

**Menos que Um** de Patrícia Melo, quando analisado à luz dos princípios discutidos em **O Romance Social Brasileiro**, revela uma continuidade e atualização das tradições do romance social no Brasil:

Continuidade Temática: A obra de Melo dá continuidade à tradição de explorar temas sociais críticos, agora com um foco mais contemporâneo e urbano.

Realismo Atualizado Melo utiliza técnicas de realismo formal para representar de maneira precisa e impactante a realidade brasileira contemporânea.

Retrato da Sociedade: A narrativa mapeia de forma abrangente e crítica as estruturas sociais brasileiras, destacando as desigualdades, a violência e a corrupção.

**Menos que Um** de Patrícia Melo se alinha com as tradições do romance social brasileiro ao adotar um realismo formal detalhado e ao mapear criticamente a sociedade contemporânea. A obra exemplifica a evolução do romance social no Brasil, mantendo suas raízes na crítica social enquanto aborda problemas modernos e urbanos.

## II. MENOS QUE UM E A POLIFONIA BAKHTINIANA

A narrativa romanesca é um campo fértil para a expressão de múltiplas vozes, perspectivas e discursos. A teoria da polifonia, desenvolvida por Mikhail Bakhtin, oferece uma abordagem profunda para compreender como essas vozes interagem e contribuem para a complexidade das obras literárias.

Neste capítulo, exploramos a visão Bakhtiniana sobre a polifonia no romance, destacando suas principais ideias e como elas influenciam a leitura e a interpretação das obras.

Vários nomes importantes foram influenciados pela obra de Bakhtin e suas teorias. Aqui estão alguns deles:

Mikhail Bakhtin (1895-1975) - O próprio Bakhtin influenciou profundamente a teoria literária, linguística e cultural com suas ideias sobre polifonia, dialogismo e carnavalização.

Julia Kristeva (1941) - A teórica búlgara-francesa foi influenciada pela obra de Bakhtin em sua análise da intertextualidade e da linguagem como processo dinâmico.

Tzvetan Todorov (1939-2017) - O crítico literário búlgaro-francês incorporou ideias bakhtinianas em seus estudos sobre narratologia e análise de textos literários.

Mikhail Bakhtin Circle - Um grupo de intelectuais russos, incluindo Voloshinov, Medvedev e outros, que trabalharam em conjunto com Bakhtin e contribuíram para o desenvolvimento de suas teorias.

Paul Ricoeur (1913-2005) - O filósofo francês usou conceitos bakhtinianos, como a hermenêutica dialógica, em sua análise da linguagem e da interpretação.

Esses são apenas alguns exemplos de como a obra de Bakhtin teve um impacto significativo em diversas áreas do pensamento contemporâneo, desde a teoria literária até a filosofia e a crítica cultural

### 2.1 A visão de Bakhtin

Mikhail Bakhtin, um dos principais teóricos da linguagem e da literatura do século XX, desenvolveu sua teoria da polifonia como uma resposta às abordagens monológicas que dominavam a crítica literária. Para Bakhtin, a essência da polifonia

reside na coexistência e interação de vozes diversas dentro da narrativa, cada uma representando um ponto de vista autônomo e legítimo.

No romance polifônico, as vozes não são meros instrumentos para transmitir a mensagem do autor, mas sim entidades independentes que dialogam umas com as outras, utilizando de suas diversas realidades presentes nas várias vozes e silenciamentos do romance de Patrícia Melo.

Personagens, narradores e discursos diferentes se entrelaçam, criando um tecido rico em contrastes e tensões. Essa multiplicidade de vozes não apenas reflete a diversidade humana, mas também enriquece a experiência do leitor ao oferecer perspectivas múltiplas sobre os temas abordados na obra.

No romance polifônico de Patrícia Melo, as vozes dos personagens não são simples veículos para transmitir a mensagem do autor de forma unidimensional. Pelo contrário, cada voz é uma entidade independente, com sua própria história, perspectiva e realidade. Essas vozes dialogam umas com as outras de maneira complexa, criando um tecido narrativo rico em contrastes e tensões.

Em **Menos que um** e em outras obras de Melo, essa polifonia se manifesta através da multiplicidade de narradores e personagens que apresentam visões de mundo divergentes e muitas vezes conflitantes. Cada personagem não apenas conta sua própria história, mas também oferece uma interpretação única dos eventos e dos outros personagens ao seu redor.

Exemplo claro dessa situação é quando o leitor está diante da obra e percebe que a personagem Jéssica, conhece a personagem Glenda, que conhece Chilves, Faroll-Baixo, Dino, Salário-Mínimo, etc.

A polifonia permite que o leitor explore não apenas diferentes pontos de vista sobre os temas centrais da obra, mas também mergulhe nas complexidades das relações humanas, das questões sociais e dos dilemas éticos. Ao invés de uma única voz dominante que define o significado dos acontecimentos, há um constante entrelaçamento de vozes que enriquecem a narrativa com suas nuances e sutilezas.

Além disso, as vozes e os silenciamentos dentro do romance são fundamentais para a construção dessas múltiplas realidades. Personagens que são marginalizados ou ignorados pela sociedade muitas vezes têm suas vozes destacadas, oferecendo uma crítica social implícita e convidando o leitor a refletir sobre o poder das narrativas dominantes versus as experiências silenciadas.

Portanto, no contexto do romance polifônico de Patrícia Melo, as vozes não apenas coexistem, mas também se confrontam e se complementam, criando um ambiente literário dinâmico onde a diversidade de perspectivas não apenas reflete a complexidade da condição humana, mas também enriquece profundamente a experiência do leitor ao desafiar suas próprias concepções e abrir novos caminhos de reflexão.

Um aspecto crucial da polifonia é a presença de conflitos que apresentam a diferença, não as contradições entre as vozes. Bakhtin valorizava os momentos de tensão e contraste, pois entendia que eram nesses momentos que as diferentes visões de mundo se confrontavam e se transformavam. Os diálogos internos e externos entre personagens e discursos criam um dinamismo narrativo que mantém o interesse do leitor e promove reflexões profundas sobre questões sociais, culturais e éticas.

Ao analisar uma obra romanesca sob a ótica da polifonia, é essencial considerar as múltiplas vozes em jogo e como elas se relacionam. A interpretação polifônica busca capturar a complexidade das interações entre as vozes, identificando padrões de diálogo, hierarquias de discursos e momentos de convergência ou divergência. Essa abordagem enriquece a leitura ao revelar camadas de significado e oferecer insights sobre as dinâmicas internas da narrativa.

Ao lado da consciência da personagem, que personifica todo o mundo material, só pode coexistir no mesmo plano outra consciência; ao lado do seu campo de visão, só outro campo de visão; ao lado de sua concepção de mundo, outra concepção de mundo. A consciência todo absorvente do personagem, o autor pode contrapor apenas um mundo objetivo — o mundo de outras consciências legitimamente iguais a ela. (BAKHTIN, 1981, p. 42).

A teoria da polifonia de Bakhtin oferece uma perspectiva valiosa para a análise e compreensão da narrativa romanesca. Ao reconhecer a multiplicidade de vozes e discursos presentes nas obras, podemos mergulhar em um universo rico em significados e interpretações. A polifonia não apenas enriquece a experiência literária, mas também nos convida a refletir sobre a diversidade e a complexidade da condição humana.

No romance **Menos que um** de Patrícia Melo encontramos um enredo que incorpora elementos da teoria da polifonia de Mikhail Bakhtin de forma cativante e

provocativa. A obra nos apresenta um enredo tenso e repleto de múltiplas vozes que se entrelaçam em um jogo de poder, violência, redenção, racismo, fome, frio.

No centro da narrativa, Douglas, um Coveiro que se vê em uma jornada de autoconhecimento e confronto consigo mesmo durante a pandemia fica impressionado com a mãe que dorme em cima com um tumulo no cemitério, de seu filho João Henrique. A voz de Douglas é complexa e multifacetada, refletindo suas próprias contradições e dilemas morais. Sua narrativa é apenas uma das muitas vozes que compõem o tecido polifônico do romance. Quando o leitor percebe pela descrição que era um rapaz morto por policiais, é de dar frio na barriga. Vejamos:

Douglas não sabia mexer no teclado, foi preciso que Danny o ajudasse a navegar pelas diversas reportagens sobre o rapazinho de quinze anos que fora sequestrado, torturado e morto numa ação policial. O caso tivera grande repercussão com a revolta dos moradores do bairro onde vivia João Henrique e, sobretudo, com as denúncias da mãe, que testemunhara o momento da prisão de seu filho. Zélia Firmino era seu nome. Douglas permaneceu alguns instantes em silêncio olhando para aquelas imagens, mal acreditando que se tratava da mesma senhora flagrada no dia anterior, dormindo no cemitério. Agora, seus olhos pareciam menores, afundados no rosto macilento. O corpo se transformara num saco de ossos. Os testes não acabam apenas com a nossa fé, ele pensou. A carne também vai para o ralo na tal provação de Deus. (MELO, 2022, p. 23).

Ao longo da história, somos apresentados a outros personagens igualmente marcantes, cada um trazendo consigo suas próprias perspectivas e agendas. A voz da esposa de Douglas, do assassino de João Henrique, das vítimas se entrelaçam em um emaranhado de relatos que revelam as múltiplas facetas de uma sociedade permeada pela corrupção, pela violência e pela busca por redenção.

FOI FAROL BAIXO, O MENTIROSO, QUEM ensinou ao preto Chilves o truque da invisibilidade: como entrar no Swiss Life Residence sem ser visto e sem passar pela portaria. Nem era tão complicado, explicara o amigo na ocasião, “mas tem que andar para caralho”. A dica era, depois de chegar à estrada de Boissunga, localizar o tal abrigo do ponto de ônibus em cuja lateral metálica alguém havia pichado: use drogas, mate sua família, coma merda, reeleja o presidente. (MELO, 2022, p. 13).

Além disso, a preocupação de Douglas com a pandemia em todos seus aspectos sociais diversificados, do sepultamento em massa, e da sua inquietação sobre o tema, que não o deixava dormir, além do seu desespero com a realidade.

O teste da bala perdida que mata seu filho. O teste do câncer que leva sua esposa. O teste do desemprego. O teste da enchente que destrói sua casa. O teste da geladeira vazia, era disso que o padre Orestes estava falando. Da fé que se esvai no momento de desespero. Meu teste, pensou Douglas, também possui um nome: o teste dos sepultamentos em massa. Eram tantos cadáveres que a prefeitura foi obrigada a providenciar uma draga para rasgar o solo e um trator para furar as valas. Num único dia, ele enterrou sozinho oitenta e sete pessoas. (MELO, 2022, p. 25).

O medo e o perigo para os personagens que estão nas ruas também se faz constante, passam fome, necessidades básicas, frio, são obrigados a conviver de forma individual e coletiva ao mesmo tempo, com receio de morte por parte dos policiais e até mesmo de outros moradores de rua. É o caso de Chilves, por exemplo, um negro, muito maltratado pela sociedade mesmo sendo do bem, sofre inúmeros preconceitos, dentre eles, o mais forte é, o racismo. Quando está preso injustamente, o seu colega de cela ZJ, indaga na prisão que:

Gostava ainda da forma corajosa com que ZJ enfiava o dedo na ferida ao falar que preto só tem destaque quando o assunto é estatística. Que preto é carne de segunda. Que preto é descartável. Que o Brasil é uma grande prisão para pretos. Que todo mundo ali era escravo. E quando ouvia ZJ falar, Chilves tinha a sensação de que o amigo recolhia uma série de coisas do mundo, coisas quebradas, do sistema, desconjuntadas, e as colocava em ordem. Tudo se encaixava e fazia sentido. (MELO, 2022, p. 125).

A conexão com a teoria da polifonia de Bakhtin é evidente na medida em que o romance nos apresenta um diálogo contínuo entre essas vozes diversas. Os conflitos e os diálogos internos e externos entre os personagens criam uma atmosfera de tensão e imprevisibilidade, mantendo o leitor envolvido e instigado a refletir sobre as questões éticas e morais apresentadas.

Embora Mikhail Bakhtin e Georg Lukács sejam dois teóricos distintos, há semelhanças e pontos de convergência em suas abordagens teóricas, como enumeraremos nos parágrafos que se seguem:

Foco na Dialética: Ambos os teóricos valorizavam a dialética como uma ferramenta crucial para compreender a sociedade, a cultura e a literatura. Lukács desenvolveu sua teoria da "dialética do realismo" enquanto Bakhtin explorou a "dialética do discurso". Contexto Histórico e Social: Tanto Bakhtin quanto Lukács reconheciam a importância do contexto histórico e social na formação das obras literárias e na compreensão da cultura em geral.

Interesse na Literatura e na Arte: Ambos os teóricos dedicaram atenção à literatura e à arte, embora com ênfases e abordagens diferentes. Lukács focava na relação entre a arte e a sociedade em suas obras, enquanto Bakhtin explorava a natureza do discurso e do dialogismo na literatura.

Valorização da Totalidade: Ambos enfatizavam a importância de considerar as obras e os fenômenos culturais como partes de uma totalidade mais ampla, conectada ao contexto social, histórico e político.

No entanto, também existem diferenças significativas entre as teorias de Bakhtin e Lukács, especialmente em termos de abordagens metodológicas, conceitos-chave e ênfases temáticas. Bakhtin, por exemplo, enfatizava o dialogismo, a polifonia e a heteroglossia, enquanto Lukács concentrava-se na relação entre a arte e a consciência social.

Para Lukács, o romance é uma representação da totalidade da vida humana, abrangendo não apenas aspectos individuais, mas também sociais e históricos. Ele acredita que o romance tem a capacidade única de retratar a complexidade das relações humanas e as contradições da sociedade, permitindo uma compreensão mais ampla e profunda da realidade.

Além disso, Lukács destaca a importância da personagem no romance, enfatizando que ela não deve ser apenas um indivíduo isolado, mas sim um reflexo das forças sociais e históricas que atuam sobre ela. As personagens representam tipos humanos que expressam as contradições e conflitos de sua época, contribuindo para a construção de um retrato autêntico e significativo da sociedade.

Em resumo, a teoria do romance segundo Georg Lukács enfatiza o papel do romance como uma forma artística que revela a totalidade da vida humana e da sociedade, utilizando personagens que refletem as forças sociais e históricas em jogo. Fábio Lucas, crítico literário brasileiro, apresenta uma teoria do romance que destaca a importância da forma e da estrutura na obra literária. Segundo Lucas, o romance deve ser analisado levando em consideração não apenas o conteúdo, mas também a organização e a construção narrativa.

Para Lucas, a estrutura do romance é fundamental para a compreensão do seu significado e impacto. Ele enfatiza a importância da trama, dos personagens e da linguagem utilizada pelo autor como elementos centrais na construção da obra. Além disso, Lucas destaca a necessidade de uma análise crítica que leve em conta

não apenas o contexto histórico e social, mas também os aspectos estéticos e formais da narrativa.

Benjamin Abdala Jr., teórico e crítico literário brasileiro, aborda o romance como uma forma artística que reflete as transformações sociais e históricas. Sua teoria valoriza a interação entre literatura e sociedade, destacando o papel do romance como um instrumento de compreensão e reflexão sobre o mundo.

Abdala Jr. enfatiza a importância do contexto cultural, político e histórico na análise do romance. Ele argumenta que as obras literárias, especialmente o romance, são produtos de seu tempo e refletem as ideias, valores e conflitos da sociedade em que foram produzidas. Nesse sentido, o romance não apenas entretém, mas também informa e provoca questionamentos sobre as estruturas e relações sociais vigentes.

Além disso, Abdala Jr. destaca a relação entre o indivíduo e a coletividade na narrativa romanesca. Ele observa como as personagens e tramas do romance revelam não apenas experiências individuais, mas também as interações e influências do meio social sobre esses indivíduos. Essa abordagem amplia a compreensão do romance como uma forma de arte que busca representar a complexidade da vida humana em sociedade.

Em suma, a teoria do romance segundo Benjamin Abdala Jr. enfoca a relação entre literatura e sociedade, destacando o papel do romance como um espelho que reflete e interpreta as transformações e desafios do mundo ao seu redor. Ele ressalta a importância da análise contextual e da compreensão das relações sociais na apreciação e interpretação das obras romanesca. a como ferramenta narrativa para explorar temas profundos como justiça, vingança, lealdade e redenção. A obra de Patrícia Melo se destaca não apenas pela habilidade em criar personagens e situações realistas, mas também por mergulhar nas camadas mais profundas da psique humana por meio desse jogo de vozes e perspectivas.

Em síntese, **Menos que um** é um exemplo vívido de como a teoria da polifonia pode ser aplicada de maneira impactante e significativa na literatura contemporânea, proporcionando uma experiência de leitura enriquecedora e reflexiva, que analisaremos mais profundamente no próximo tópico.

Mikhail Bakhtin (1895-1975) é uma figura seminal na teoria literária e linguística, cujas obras provocaram um profundo impacto no entendimento da linguagem, do discurso e da cultura. Uma crítica literária de suas obras envolve uma

análise cuidadosa de seus principais conceitos, influências, contribuições e também das críticas e limitações que suas teorias possam apresentar.

A seguir, passamos à enumeração dos principais conceitos e contribuições de Bakhtin, como se vê:

**Dialogismo e Polifonia:** Bakhtin introduziu o conceito de dialogismo, enfatizando a interação constante e dinâmica entre diferentes vozes, discursos e perspectivas dentro de uma obra literária ou texto. Sua ideia de polifonia destaca a multiplicidade de vozes e pontos de vista como uma característica fundamental da literatura, rompendo com abordagens monológicas tradicionais.

**Heteroglossia:** Bakhtin discutiu a heteroglossia como a coexistência de diversas formas de linguagem e estilos discursivos dentro de um texto, refletindo a diversidade linguística e cultural da sociedade. Ele argumentou que a heteroglossia enriquece a expressão literária e permite a representação mais autêntica da complexidade humana.

**Carnavalização:** Outro conceito importante é o da carnavalização, que se refere à inversão de normas e hierarquias sociais durante o carnaval, um período de liberdade e subversão. Bakhtin aplicou essa ideia à literatura, argumentando que a carnavalização permite uma crítica social e cultural, além de promover a renovação e a vitalidade nas obras.

**Análise de Gêneros:** Bakhtin também analisou diversos gêneros literários, como a novela, o romance e a sátira, explorando suas características específicas e seus efeitos no diálogo entre autor e leitor.

Nesse sentido, entendemos pertinente também abordar certas influências e determinados contextos, para melhor situar a contribuição de Bakhtin, uma vez que é consabido que este foi influenciado por uma variedade de correntes filosóficas, literárias e linguísticas, incluindo o marxismo, o formalismo russo e a filosofia da linguagem. Sua obra reflete uma abordagem interdisciplinar e uma preocupação com questões sociais e culturais.

Apesar de suas contribuições significativas, as teorias de Bakhtin também têm sido alvo de críticas e debates. Alguns críticos argumentam que sua ênfase no dialogismo e na polifonia pode ser interpretada de maneira excessivamente idealizada, negligenciando a coerência e a unidade nas obras literárias. Outros apontam para a falta de clareza em certos conceitos e a dificuldade de aplicação prática de suas teorias em análises concretas.

Apesar das críticas, o legado de Bakhtin permanece significativo na teoria literária e cultural contemporânea. Suas ideias continuam a inspirar estudiosos a explorar a complexidade da linguagem, da identidade e da interação social através da literatura. A relevância de Bakhtin também se estende além do campo acadêmico, influenciando a interpretação e a apreciação da arte e da cultura de maneira mais ampla.

Em resumo, a crítica literária sobre Bakhtin e suas obras é essencial para uma compreensão abrangente de suas contribuições, suas influências, suas limitações e seu legado duradouro na teoria e na prática literária e cultural.

## 2.2 A dimensão épica no romance contemporâneo

Em **Epos e Romance** (1970), Mikhail Bakhtin desenvolve uma teoria do romance como gênero literário, que enfatiza a relação histórica entre os gêneros literários e sua conexão com a contemporaneidade no desenvolvimento da literatura. Esta abordagem vai além da mera descrição sistemática de características estilísticas. Segundo Bakhtin, o romance é considerado "o único gênero em formação", pois é concebido e organicamente adaptado à modernidade, enquanto os gêneros antigos chegaram a esta época em uma forma acabada. Dessa forma, o romance se mostra como o gênero mais adequado para refletir os processos de transformação da realidade.

No ensaio, Bakhtin define o romance em contraste com a epopeia. Em Portugal, a epopeia **Os Lusíadas** cristaliza um sentimento ilusório de grandeza produzido pelas navegações do século XV, sentimento que permanece latente na identidade portuguesa e que, no século XX, serve como uma das bases ideológicas da ditadura salazarista. Este regime utiliza essa epopeia para justificar a guerra na África e a manutenção de um projeto imperial anacrônico. Com a Revolução dos Cravos, surge a necessidade de um novo projeto de futuro e uma nova narrativa do passado nacional, permitindo à ficção portuguesa ajustar a hiperidentidade nacional, aproximando-se da realidade histórica.

A justaposição dos dois gêneros no elemento espacial deste romance é uma das estratégias utilizadas por Lídia Jorge para confrontar a mitologia épica do Império Português com a realidade histórica da guerra colonial. Enquanto a epopeia celebra um passado glorioso e heroico, o romance de Lídia Jorge explora o presente

tumultuado e fragmentado da experiência colonial, revelando as complexidades e contradições dessa realidade. Este confronto entre passado e presente, epopeia e romance, não só redefine a narrativa nacional, mas também oferece uma crítica profunda ao legado imperial e suas implicações na identidade portuguesa contemporânea.

A análise comparativa entre as duas narrativas de **A Costa dos Murmúrios** revela como o romance, enquanto gênero em formação, é capaz de capturar a fluidez e a transformação da realidade histórica. Ao fazê-lo, o romance de Lídia Jorge desafia a percepção monolítica da identidade nacional promovida pela epopeia, propondo uma visão mais crítica e multifacetada da história portuguesa. Esta abordagem permite que a literatura se torne um espaço de reflexão e diálogo sobre o passado, o presente e o futuro de Portugal, explorando as tensões entre a memória coletiva e a experiência individual no contexto das mudanças sociais e políticas.

Portanto, a teoria de Bakhtin sobre o romance como o gênero literário mais apto a refletir os processos de transformação da realidade se mostra particularmente relevante para a literatura contemporânea das minorias. Ao capturar o dinamismo e a fluidez da vida moderna, o romance não apenas documenta as mudanças sociais e históricas, mas também promove a inclusão e a visibilidade das experiências e vozes das minorias. Essa capacidade de adaptação e incorporação faz do romance um poderoso instrumento de crítica e emancipação na literatura contemporânea.

No estudo da teoria literária de Mikhail Bakhtin, os conceitos de epos e romance desempenham papéis fundamentais na compreensão da natureza da narrativa e da linguagem. Bakhtin, um crítico e filósofo russo do século XX, foi um dos primeiros a explorar profundamente a interação entre diferentes formas de discurso literário e sua relação com a cultura e a sociedade. Neste capítulo, mergulharemos nas ideias de Bakhtin sobre epos e romance e examinaremos como esses conceitos moldam nossa compreensão da literatura.

O epos, originado na tradição grega antiga, é uma forma de poesia épica que aborda temas universais e valores culturais fundamentais. Para Bakhtin, o epos representa uma narrativa de afirmatividade, onde os heróis são figuras emblemáticas que personificam virtudes como coragem, honra e dever. O epos é marcado por sua linguagem elevada e grandiosa, adequada à importância dos temas tratados. Bakhtin ressalta que o epos, embora possa parecer distante e

idealizado, ainda reflete preocupações humanas universais, como a busca por significado na vida e a luta contra forças adversas.

Em contraste com o epos, o romance surge como uma forma literária mais complexa e pluralista. Bakhtin enfatiza a heteroglossia do romance, isto é, a presença de múltiplas vozes e estilos linguísticos dentro da narrativa. Isso permite uma representação mais completa e realista da vida cotidiana, com suas contradições e diversidade de pontos de vista. No romance, diferentes personagens, classes sociais e grupos culturais têm suas próprias formas de expressão, criando assim uma polifonia de vozes que dialogam e interagem umas com as outras.

Um dos conceitos mais significativos introduzidos por Bakhtin no contexto do romance é a ideia de diálogo e polifonia. O romance, segundo Bakhtin, é um espaço onde diferentes vozes entram em diálogo, gerando uma riqueza de significados e interpretações. Esse diálogo não se limita apenas aos personagens dentro da obra, mas também se estende ao leitor, que é convidado a participar ativamente na construção de significados.

Além disso, Bakhtin destaca o elemento da carnavalesca no romance, onde normas e convenções sociais são temporariamente suspensas. Isso permite uma subversão das hierarquias estabelecidas e uma celebração da diversidade e da multiplicidade de experiências humanas. O romance, assim, torna-se um espaço de liberdade criativa e de reflexão sobre as complexidades da existência humana

Sendo assim, os conceitos de epos e romance de Bakhtin continuam a influenciar a forma como entendemos e analisamos a literatura e a linguagem. Enquanto o epos nos conecta às tradições épicas e universais da narrativa, o romance nos convida a explorar a diversidade, o diálogo e a subversão dentro da arte literária. Essas ideias não apenas enriquecem nossa compreensão das obras literárias, mas também nos incentivam a considerar as complexidades e as múltiplas vozes que moldam nossas experiências humanas.

Para Bakhtin o romance é o único gênero por se constituir ainda inacabado. Vejamos algumas considerações primordiais do livro:

Os outros gêneros enquanto tais, isto é, como verdadeiros moldes sólidos para a fusão de práticas artísticas, já nos são conhecidos na sua totalidade. [...] Encontramos o épico não apenas como algo criado há muito tempo, mas também como um gênero já profundamente envelhecido [...] com um osso duro e já calcificado. Seria Homero uma renovação da época, um ponto de viragem ortopédico? Junto com os gêneros principais, apenas o

romance é mais jovem que a escrita e o livro, e só se adapta organicamente às novas formas de percepção silenciosa que é a leitura. (BAKHTIN, 1941, p. 71 - 72).

O romance parodia os outros gêneros (justamente como gêneros), revela o convencionalismo das suas formas e da linguagem, elimina alguns gêneros, e integra outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes um outro tom.

Na época da supremacia do romance [segunda metade do século XVIII], quase todos os gêneros resultantes, em maior ou menor grau, “romancizaram-se” [...]. Na época da escalada criativa do romance [...] a literatura é inundada de paródias e travestimentos de todos os gêneros elevados [...].

Aqui estão alguns exemplos dessas “dicas de gênero”: o romance é um gênero multinível, mas existem romances excelentes em um nível; o romance é um gênero que inclui um enredo surpreendente e dinâmico, mas há romances que atingiram o limite da pura descrição; o romance é um gênero problemático, mas a produção romântica atual como um todo tem um caráter puro de prazer e frivolidade, inacessível a qualquer outro gênero; o romance é uma história de amor, mas os modelos maiores do romance europeu são completamente desprovidos do elemento romântico; O romance é um gênero de prosa, mas existem excelentes romances em verso. Vejamos:

O confronto do romance com o epos (e a oposição deles) apresenta-se, por um lado, como um aspecto da crítica de outros gêneros literários (em particular do tipo mesmo da heroização épica); por outro lado, tem por objetivo elevar sua significação como gênero-mestre da nova literatura. Não construirei uma definição do cânone do romance que atue em literatura (na sua história) como um sistema de índices de gênero invariáveis. Porém, tentarei descobrir as particularidades estruturais e fundamentais do mais maleável dos gêneros, particularidades que determinam a orientação da sua própria versatilidade, de sua influência e de sua ação sobre o resto da literatura. (BAKHTIN, 1941, p. 403).

O autor aponta três dessas características básicas que distinguem o romance de todos os outros gêneros: 1. A tridimensionalidade estilística do romance ligada à consciência plurilíngue que se desenvolve; 2. A transformação radical das coordenadas temporais da representação literária no romance; 3. Um novo espaço para estruturar a imagem literária no romance, justamente o espaço de máximo contato com o presente (a contemporaneidade) em seu aspecto infinito. Todas as

três características do romance estão organicamente ligadas entre si e todas são condicionadas por uma certa crise na história da sociedade europeia: a sua emergência a partir das condições de uma sociedade fechada, surda e semiestatal. rumo a novas condições de relações internacionais e vínculos interlinguísticos. A diversidade de línguas, culturas e épocas apareceu à sociedade europeia e tornou-se um fator determinante na sua vida e pensamento.

Sendo assim, nesse ensaio, Bakhtin argumenta que os gêneros literários tradicionais, como a epopeia (ou épico), possuem formas bem estabelecidas e estáticas, vejamos:

O homem dos grandes gêneros distanciados é o homem de um passado absoluto e de uma representação longínqua. Como tal, ele é inteiramente perfeito e terminado. [...] Entre a sua verdadeira essência e o seu aspecto exterior não há a menor discrepância. [...] não há ainda a confissão-auto-acusação. Aquilo que se representa coincide com aquilo que é representado. [...] O homem épico está igualmente desprovido de iniciativa lingüística; o mundo épico conhece uma só e única língua constituída. (BAKHTIN, 1941, p. 423)

Enquanto que o romance é um gênero dinâmico e em constante evolução. Ele destaca que o romance tem a capacidade de incorporar e transformar outras práticas artísticas, refletindo a complexidade e a diversidade da vida social, como Bakhtin apresenta na sua obra:

A destruição da distância épica, a passagem da imagem do homem do plano distante para a zona de contato com um evento inacabado do presente (e, por conseguinte, também do futuro) conduz a uma reestruturação radical da representação do homem no romance (e, portanto, em toda literatura). [...] o homem deixou de coincidir consigo mesmo e, portanto, também o enredo deixou de revelar o homem por inteiro. Característica é a estrutura literária das máscaras populares estáveis, que têm exercido enorme influência na formação da representação humana no romance, nos estágios mais importantes da sua evolução (os gêneros sério-cômicos da Antiguidade, Rabelais, Cervantes). Um dos principais temas interiores do romance é justamente o tema da inadequação de um personagem ao seu destino e à sua situação. Sempre resta um excedente de humanidade não realizado, sempre fica a necessidade de um futuro e de um lugar indispensável para ele. Esta desintegração da entidade épica (e trágica) do homem no romance vai

de encontro aos pródromos de uma entidade nova e complexa, um estágio mais elevado da evolução humana. [...] O personagem do romance, como regra, é um ideólogo em maior ou menor grau. (BAKHTIN, 1941, p. 424-426).

Em resumo, Bakhtin argumenta que, enquanto a epopeia representa um gênero literário fixo e estável, o romance se destaca por sua flexibilidade, dinamismo e capacidade de refletir as complexidades da vida social contemporânea. O romance, portanto, é um gênero literário que está em constante transformação e evolução, sempre aberto a novas formas de expressão e interpretação.

### **2.3 Menos que um, o romance de Patrícia Melo e a polifonia**

**Menos que um** é um romance de Patrícia Melo, publicado em 2011, que explora temas profundos e complexos através de uma narrativa envolvente. Patrícia Melo é conhecida por seus trabalhos que frequentemente abordam a violência, o crime e as relações humanas intrincadas. Neste livro, a autora utiliza uma abordagem polifônica para oferecer uma perspectiva multifacetada da história.

Neste romance, tem uma narrativa caleidoscópica, pois ele trata, sob forma narrativa, das categorias do romance: autor, leitor, produtor, enredo. O livro tem vários protagonistas e com essa gama de personagens, você conta a história. Mas não tem protagonista. Tem o Chilves, que é um catador nas ruas da Cracolândia, perto da igreja Matriz, que é a figura central do grupo, mas é apenas mais um dos vários personagens que compõe o enredo. Além do grupo de Chilves, tem Douglas e sua família, o venezuelano Seno Chacoy, o escritor Iraquitan, dentre outros, mostrando assim as várias vozes e silenciamentos dentro dessa polifonia.

#### **2.3.1 Polifonia em Menos que um**

A polifonia, no contexto literário, refere-se à presença de múltiplas vozes narrativas dentro de um texto, permitindo uma visão mais rica e diversificada dos eventos e personagens. Patrícia Melo utiliza essa técnica para aprofundar a narrativa de **Menos que um** de várias maneiras.

A história não é contada apenas pela perspectiva de um protagonista, mas das vozes de outros personagens que estão envolvidos ou são afetados pelos assassinatos. Isso cria uma narrativa multifacetada onde diferentes pontos de vista são apresentados, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos eventos.

A narrativa fragmentada está presente em toda a estrutura do romance de Patrícia Melo, com capítulos curtos e mudanças frequentes de foco narrativo. Essa técnica, que agrega muitas formas narrativas, incluindo o fluxo de consciência e, às vezes, o monólogo interior, reflete a complexidade e a fragmentação da vida moderna, além de manter o leitor constantemente envolvido e intrigado com a evolução da trama.

A sondagem que se observa na linguagem de Melo vem carregada de uma profundidade psicológica que evoca a sensação de uma polifonia que permite uma exploração profunda das motivações e conflitos internos dos personagens. Cada voz narrativa traz à tona suas próprias inseguranças, desejos e dilemas, enriquecendo a caracterização e proporcionando uma visão mais completa de suas personalidades e ações.

Outra estratégia narrativa que se pode ver no romance em pauta é o diálogo com o Leitor. Isso facilita à voz narradora apresentar as múltiplas vozes, quando ela cria um diálogo implícito com o leitor, que é convidado a interpretar e avaliar as diferentes perspectivas e versões dos eventos, tornando a leitura uma experiência ativa e reflexiva, estimulando o leitor a questionar e ponderar sobre a natureza da verdade e da moralidade.

Todos esses recursos criam um significativo impacto da polifonia na narrativa. É pela utilização desse expediente em **Menos que um** que se pode sentir o impacto significativo na forma como a história é recebida pelo leitor. Ela enriquece a narrativa ao adicionar camadas de complexidade e profundidade, permitindo uma compreensão mais nuançada dos personagens e dos eventos. A diversidade de vozes também reflete a fragmentação e a multiplicidade da experiência humana, tornando a história mais realista e envolvente.

Em resumo, **Menos que um** é um exemplo notável de como a polifonia pode ser utilizada na literatura para criar uma narrativa rica e multifacetada. Patrícia Melo demonstra maestria ao tecer múltiplas vozes e perspectivas em uma história coesa e

impactante, proporcionando uma leitura que é ao mesmo tempo intrigante e profundamente reflexiva.

No romance de Patrícia Melo os personagens são cuidadosamente construídos para refletir a complexidade e as nuances da vida contemporânea. Através de suas frustrações pessoais e impactos sociais, eles compõem um retrato multifacetado da sociedade. Vamos explorar os principais personagens, suas frustrações e os impactos que têm na sociedade.

Destacamos aqui um personagem com seu caráter metalinguístico, pois ele é um escritor que experimentou um sucesso considerável com seu primeiro livro, mas depois caiu em uma crise criativa e pessoal. Ele é introspectivo e luta com questões de identidade e propósito.

Iraquitã, como é comum nos romances de nossos dias, está longe de ser um herói acima da média dos humanos. Ele convive com suas dificuldades e suas frustrações. Ele enfrenta um bloqueio criativo que o impede de escrever, e seu isolamento exacerba seu sentimento de inadequação e desesperança. Sua frustração também se manifesta em sua incapacidade de se conectar com outras pessoas, levando a uma vida solitária e reclusa.

Durante muitos anos, o Escritor nem chegou perto de albergues como aquele, sabendo que a maioria não permitia a entrada de cães e ele mal podia se imaginar sem Belinha, a cadela que resgatou de um ataque de ratos. Só depois que Belinha deu o último suspiro, já bem velhinha, com a cabecinha no seu colo, só depois que o corpinho dourado da cadela foi enterrado no jardim da praça da Matriz, é que o Escritor caiu no que ele chamava de “armadilha dos hotéis sociais”. De um, foi despejado às cinco da manhã, por funcionários cujas urgência e aflição ele só vira no comportamento de capatazes de obras e gerentes de produção de grandes fábricas. Você acordava, contou ele certa vez para Beto Senador, você acordava e, enquanto tomava seu café da manhã no refeitório fedendo a creolina, os funcionários já estavam circulando entre as mesas, gritando “Fora! Rápido!”. Noutro, assistentes sociais passavam o tempo todo tentando entrar na sua mente para convencer você a aceitar uma passagem de ônibus de volta para a cidade onde nasceu. (MELO, 2022, p. 28).

Nesse sentido, o seu caráter metalinguístico aflora, uma vez que o texto se volta para si mesmo e o escritor se projeta por inteiro no seu drama e por meio dele se deixa mostrar ao leitor, trazendo à tona o ato solitário da criação que se espalha em sentidos diversos, como um ato solitário e de grande relevância social. Vê-se aí um impacto na sociedade, que nasce de seu isolamento que, por outro lado, reflete uma espécie de abandono e incompreensão que muitos indivíduos sentem na

sociedade moderna. Sua busca por sentido e relevância ressoa com aqueles que lutam para encontrar propósito em um mundo acelerado e frequentemente impessoal.

O ambiente de **Menos que um** apresenta suas inúmeras vítimas como é o caso da jovem assassinada. Um personagem emblemático que, embora tenha sua vida interrompida tragicamente, tem o poder de catalisar toda a ação a ação do romance. Suas frustrações, embora não sejam detalhadamente exploradas, devido à sua morte precoce, são representativas e cruciais porque expõem as vulnerabilidades a que os personagens estão sujeitos e as mazelas enfrentadas por eles, o que é extensivo a muitos jovens na sociedade de nossos dias como a insegurança, a falta de oportunidades e a ameaça constante da violência.

Sua morte traz à tona a fragilidade da segurança e a brutalidade que pode atingir qualquer um, em qualquer lugar, ressaltando as falhas na proteção dos cidadãos e na prevenção do crime. Outro exemplo significativo, é a morte do Salário Mínimo e do rapaz João Henrique mortos pela polícia. O primeiro, em situação de rua, durante um combate da polícia e outro, filho de Zélia que morava em outro bairro, morto pelo policial Marreco, mas sem motivos.

Vejamos uma passagem do livro, em que a personagem Glenda, vê a foto do seu amigo em um mural da paróquia quando vai encontrar Jéssica para ajudar ela com seu pré-natal, no mural estava seu nome verdadeiro, no qual Glenda não conhecia, mas reconheceu a foto, e indaga aspectos relevantes da história:

Enquanto aguardava as duas, decidiu colar um anúncio dos seus trabalhos de faxina no mural da paróquia. Alguém escrevera com uma letra caprichada, usando canetinhas coloridas: “Wilson Silva Vive”. Na foto um pouco sem foco, colada ao lado, Salário Mínimo sorria banguelo. Só por causa daqueles recortes, que já estavam amarelando, é que Glenda no soubera, ao sair do hospital, que Salário Mínimo era Wilson Silva. E que estava morto. As manchetes, notou, não usavam o nome dele. Diziam: “Homem morre em confronto com a polícia”. Diziam: “Moradores afirmam que homem foi morto por policiais”. Diziam: “PM nega ter matado morador de rua”. O nome Wilson Silva vinha no corpo da matéria. Salário Mínimo ficaria feliz se se visse ali, concluiu Glenda. Ao menos naqueles jornais velhos Wilson Silva era Wilson Silva. “Tem gente”, pensou, “que só existe depois que morre.”(MELO, 2022, p.115)

É possível notar durante toda narrativa a presença de militares irresponsáveis, que tratavam não só os moradores de rua mais a população no geral como nada, sem nenhum tipo de dignidade, o que a autora aborda em entrevistas vários outros aspectos, como o político, já que se passa durante a pandemia, o livro faz críticas ao governo da época.

Há que se destacar também a figura não menos significativa do assassino que é também uma figura complexa, cuja identidade e motivações são desvendadas ao longo da narrativa. Ele também carrega uma série de frustrações e traumas pessoais que o levam a cometer o crime. Sua violência é uma manifestação de suas próprias lutas internas e desajustes sociais. A existência do assassino no romance destaca as falhas do sistema social e judicial. Ele representa aqueles que, sem suporte adequado, podem se desviar para o crime como uma forma de expressar suas frustrações.

Em meio a tantas figuras controversas podemos citar o síndico do condomínio, local onde ocorre o assassinato. Trata-se de uma figura autoritária e controladora, preocupada em manter a ordem e a aparência do lugar. Ele se frustra com a incapacidade de manter a paz e a segurança no condomínio. Sua obsessão com a ordem esconde suas próprias inseguranças e o medo de perder o controle. Impacto na Sociedade: Sua figura representa a burocracia e a superficialidade com que muitas vezes se lida com problemas graves na sociedade. Ele simboliza as tentativas de varrer os problemas para debaixo do tapete em vez de enfrentá-los diretamente.

Há também outros que se envolvem na trama como os vizinhos e moradores do condomínio. A participação dos outros moradores do condomínio é também importante na sua medida, pois eles formam um grupo diversificado de personagens secundários, cada um com suas próprias vidas e problemas. Eles têm várias frustrações que vão desde preocupações com segurança até questões pessoais e relacionamentos conturbados. O assassinato exacerba suas ansiedades e medos.

- Depende. Alguns têm. Esse era um ex-funcionário do condomínio. E era psicopata, a polícia falou. Sabia o que ia fazer com cada morador antes mesmo de invadir a casa. Encontraram manchas escuras nas paredes nos quartos, nos banheiros e nos corredores. Tula mal entrava num ambiente e ia logo procurar sangue. E não parava de revelar detalhes. – As mocinhas foram encontradas com os pés e as mãos amarrados. No mesmo quarto. Uma viu a outra ser abusada e assassinada. E o assassino, depois de matar os quatro, ainda fez uma lambança na cozinha, abriu a geladeira,

tomou Coca-Cola, comeu queijo. Imagina, o sujeito cometer essas ruindades e depois ficar bebendo Coca-Cola? Chilves não entendia a razão do espanto, maldade não mata sede, pensou [...]. (MELO, 2022, p. 241).

Coletivamente, esses personagens refletem uma comunidade fragmentada e desconectada, onde o individualismo muitas vezes supera o senso de comunidade. Suas reações ao crime variam de indiferença a pânico, mostrando a diversidade de respostas humanas ao perigo e ao trauma. Além disso, ao repararmos nas páginas já avançadas do livro percebemos a presença dos personagens secundários, introduzidos ao longo da história, como Clarc e Tula.

Clarc e Beto se moviam como se fossem topar a qualquer instante com uma assombração, notou Chilves. Não diziam nada, nem uma palavra, só seguiam Tula, que continuava a contar detalhes do crime, da corda de varal que fora usada para imobilizar as moças e que descia dos punhos para os pés, de modo que, “cada vez que elas mexiam as pernas, se enforcavam”. Na cozinha, Clarc encontrou um buraco na parede: – É de bala? – perguntou. Beto Senador abriu a torneira da pia, e a água saiu limpa (...). (MELO, 2022, p. 241).

Beto Senador já participava da narrativa desde o começo e fazia um papel de político em meios as obras que eram feitas na praça da Matriz, em operações e discursos, mas depois se aproxima de outros personagens como Chilves e acaba participando e corroborando sobre vários fatos. Tal personagem se mostra, e em determinadas situações também é silenciado.

Outra figura que tem papel importante é a namorada do personagem Chilves. A namorada do personagem é uma figura de apoio que tenta ajudá-lo a sair de sua reclusão e a enfrentar seus bloqueios criativos. Ela se frustra com a incapacidade de ajudar efetivamente, bem como com suas próprias lutas pessoais que são plenamente exploradas no livro parcialmente, como seus sonhos, desejos, como era sua família, onde foi parar quando Chilves foi preso injustiçado e sua gravidez, tanto na casa de apoio religiosa, como na rua.

No elevador, observando o contraste entre seus pés estropeados, suas unhas duras e escuras (unhas de tatu, dizia Glenda) e os pés dos outros visitantes, calçados em botas, alpargatas e sandálias de diversos materiais e cores, lembrou-se da única vez que visitara a mãe no hospital, aos nove

anos de idade. Foi logo depois da morte do irmão, depois da expropriação, depois que passaram a dormir no sofá da casa da tia. Até aquele momento, quando lhe explicavam que a mãe estava com depressão, Jéssica pensava na doença como a cova na qual o irmão fora enterrado, um buraco escuro onde sua mãe jazia imóvel, sem nada enxergar. De certa forma, era como se sua mãe estivesse morta junto com seu irmão, como se ele a tivesse sugado para debaixo da terra para não ficar sozinho, porque ele sempre fora muito ligado à mãe, tão ligado que fizera o favor de ser morto bem no dia que ela completava quarenta e sete anos, deixando um bolo, que ele comprara com seu salário de empacotador de supermercado, dentro da geladeira, para ser comido depois do parabéns na festa à noite, junto aos amigos e vizinhos. Era como se Jéssica fosse a única sobrevivente do seu núcleo. Assim, mesmo encontrando a mãe com os braços amarrados no guarda-corpo da cama do hospital, ela se sentiu aliviada. Ao menos ali, havia luz para a mãe. Ali, ao menos, a mãe não estava morta. Lembrou-se do bilhete que escreveu para ela e que ficou amassado na sua mãozinha úmida de criança, indo depois direto para o lixo, sem nunca ter sido lido por ninguém: Mamãe, eu continuo viva, te amo, Jéssica. (MELO, 2022, p. 69).

A citação acima mostra um pouco do que Jéssica pensou quando foi visitar sua amiga Glenda no hospital quando foi agredida por seu antigo cafetão. Amiga de Jéssica e Chilves, Glenda é uma personagem que representa aqueles que, apesar de seus próprios problemas, tentam fazer a diferença na vida dos outros. Ela simboliza a importância das conexões humanas e do apoio mútuo em tempos de crise, além de ter um final cruel.

– Satisfação, muito prazer, satisfação, satisfação – ia dizendo Glenda, que acabara de se juntar ao grupo de limpeza, dentro de um vestido com estampa de oncinha e botinhas pretas nos pés. A cada nova atividade, ela conhecia um batalhão de gente. Durante as assembleias, se sentia perdida. “Este é o marido da Regina. Aquela é a Dirce. Esta é a Rosa Maria, irmã da Preta, lembra da Preta? Do hot dog?” E “Glenda, por favor, chame o povo da assessoria jurídica no segundo andar!” Oi? Quem? Só mesmo andando com um caderninho para guardar tantos nomes, tantas funções, ela pensava. E tantas histórias. Uma chegara ali fugindo do marido psicopata. Outra vinha de Paudalho, para escapar da fome. E do pai. Aquela era estudante de direito. Despejada de onde morava. A do lado, professora primária. Igualmente despejada. Todos na pindaíba. Desempregados. Fazendo bicos aqui e ali. Em momentos como aquele, enquanto distribuíam baldes e vassouras, é que Glenda acabava sabendo um pouco da vida de cada um. (MELO, 2022, p. 179).

Os personagens de **Menos que um** e suas interações pintam um quadro de uma sociedade repleta de tensões e desajustes. As frustrações pessoais de cada personagem são um reflexo das pressões sociais mais amplas, como a violência, a alienação, a insegurança e a busca por identidade e propósito. O romance de Patrícia Melo oferece uma crítica incisiva da sociedade contemporânea, mostrando como os problemas individuais e sociais estão profundamente interligados.

**Menos que um** de Patrícia Melo oferece uma análise profunda e perturbadora da sociedade brasileira contemporânea, abordando questões de crueldade, malandragem, preconceito, minorias e pobreza. Estas questões são tratadas de maneira que evidenciam a distância entre os direitos fundamentais garantidos pela Constituição Federal do Brasil e a realidade vivida por muitos cidadãos. Vamos detalhar como o livro aborda essas questões e seu impacto na sociedade atual.

A trama central de **Menos que um** gira em torno do assassinato brutal de uma jovem, que serve como ponto de partida para explorar a natureza da violência na sociedade. A crueldade é retratada não só através do ato de matar, mas também na indiferença e na resposta desumanizada dos que observam ou são afetados pelo crime.

O romance reflete a realidade cotidiana de muitas áreas urbanas no Brasil, onde a violência é uma presença constante, principalmente na Cracolândia. Esta representação ressoa fortemente em uma sociedade onde a violência urbana, doméstica e institucional ainda é prevalente, destacando a falha do Estado em garantir segurança e dignidade para todos os cidadãos, conforme prometido pela Constituição.

O comportamento do assassino e de outros personagens menores ilustra a malandragem – um comportamento astuto e manipulador que busca vantagens pessoais às custas dos outros. Este comportamento permeia a narrativa, refletindo uma cultura de desconfiança e oportunismo, como vimos na citação, que demonstra claramente a vítima, homossexual que foi morta.

A malandragem, ou a esperteza de levar vantagem em todas as situações, é criticada como um obstáculo significativo ao desenvolvimento ético e moral da sociedade brasileira. Esta atitude corroí a confiança pública e desafia os valores de justiça e honestidade, perpetuando a corrupção e a desigualdade.

O preconceito é uma presença insidiosa no livro, manifestando-se nas interações entre os personagens e nas atitudes sociais em relação às vítimas e ao próprio protagonista. As minorias, sejam raciais, sociais ou econômicas, são frequentemente marginalizadas e tratadas com desconfiança ou desprezo, além disso, um personagem ainda criança já havia preconceito contra Glenda e demais: “O fato de Dido não olhar para ela e de não responder direito às suas perguntas a exasperava. Aprendiz de escroto, pensou Glenda. Não tem nem tamanho e já está todo entupido de preconceito.” (MELO, 2022, p. 289).

O romance destaca como o preconceito continua a ser uma força poderosa e destrutiva na sociedade brasileira. Ele mostra como as minorias enfrentam discriminação e exclusão, refletindo a necessidade de uma mudança cultural profunda para que os direitos de igualdade e justiça, previstos na Constituição, sejam plenamente realizados.

A pobreza é um tema subjacente que permeia a vida de muitos personagens. Ela limita suas oportunidades, molda suas escolhas e perpetua um ciclo de exclusão e vulnerabilidade. A obra aborda a pobreza de forma crua e realista, destacando suas consequências sociais e psicológicas. Além disso, é possível notar que a pobreza trazida pela autora, elenca vários outros setores da sociedade em conjunto, como a desigualdade social, a violência e criminalidade, a luta pela sobrevivência, o impacto na saúde mental dos personagens e a crítica social.

Quando saiu dali, com o coração pesado, não sabia o que fazer. Nem entendia por que se sentia daquele jeito. Devia comer algo. “Tem que comer”, falava Jéssica, sempre que o via assim. “Às vezes, penso que estou puta da vida, ou que estou ficando doente, mas depois que eu como, vejo que era só isso mesmo: fome”, dizia ela. Com ele, acontecia outra coisa: mesmo depois de se alimentar, aquela sensação ainda continuava ali. Um buraco no peito. Uma ferida aberta. Outras vezes se sentia doente, como se seu corpo fosse uma panela de pressão, com as tripas e o cérebro cozinhando lá dentro. Agora, cruzava a praça apressado, tanta gente entrava no seu caminho, putas, pedintes, traficantes, um povaréu esparramado pelo chão, vendendo e comprando, implorando, criando caso, e ele seguia apressado entre eles, desviando, esbarrando, com urgência, como se tivesse algo importante para fazer, embora, na verdade, só estivesse matando tempo. (MELO, 2022, p. 49).

A representação da pobreza no livro sublinha as disparidades socioeconômicas persistentes no Brasil. A narrativa evidencia como a pobreza e a desigualdade social são endêmicas e necessitam de atenção urgente e soluções

abrangentes por parte do Estado. Isto contrasta com os direitos fundamentais previstos na Constituição, que incluem a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais.

Apesar de os direitos garantidos pela Constituição Federal, como segurança, igualdade e dignidade, os personagens de **Menos que um** vivem frequentemente à margem desses direitos. O livro expõe a desconexão entre a legislação e a realidade descaradamente.

O romance serve como uma crítica à ineficácia das políticas públicas e à falta de cumprimento dos direitos fundamentais. Ele destaca a necessidade de uma maior responsabilização e ação por parte do Estado para assegurar que todos os cidadãos desfrutem dos direitos garantidos pela Constituição.

É inevitável ao leitor de **Menos que um** passa incólume à reflexão social e política que movimenta todo o romance. No livro em análise, Patrícia Melo oferece uma análise crítica das estruturas sociais e políticas que perpetuam a desigualdade e a violência. Ela expõe as falhas do sistema e a falta de proteção para os mais vulneráveis.

Dessa forma, vemos um conjunto de fatores e ações que causam impacto na sociedade atual. **Menos que um** encoraja os leitores a refletirem sobre suas próprias realidades e a questionarem as injustiças estruturais presentes na sociedade. A obra promove uma conscientização sobre a necessidade de mudanças profundas nas políticas públicas e nas atitudes sociais para criar uma sociedade mais justa e inclusiva.

**Menos que um** impacta a sociedade contemporânea ao abordar questões de crueldade, malandragem, preconceito, minorias e pobreza de maneira que expõe a discrepância entre os direitos garantidos pela Constituição Federal e a realidade vivida por muitos brasileiros. O romance de Patrícia Melo não só entretém, mas também serve como um poderoso comentário social, incentivando uma reflexão crítica e uma ação consciente em direção a uma sociedade mais justa e equitativa. Ao fazer isso, o livro chama a atenção para a urgência de enfrentar e resolver essas questões, promovendo um diálogo sobre as mudanças necessárias para que os direitos fundamentais sejam efetivamente assegurados a todos

### III. A LITERATURA E SUAS RELAÇÕES COM OUTRAS ARTES NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, partimos da obra **Menos que um**, de Patrícia Melo, observando em sua estrutura e modo de composição, como a escrita dessa autora se apresenta em conformidade com a obra romanesca da contemporaneidade, na qual é possível ler uma pluralidade de formas como o cinema, as artes visuais, a música e outras formas artísticas.

A literatura contemporânea é um campo fértil para a interação e influência mútua entre diversas formas artísticas. Neste capítulo, exploraremos as relações da literatura com outras artes na contemporaneidade, com foco na obra **Menos que Um** de Patrícia Melo como ponto de partida para nossa análise.

Ao analisarmos a estrutura e o modo de composição de **Menos que Um**, podemos observar como a escrita de Patrícia Melo se insere no contexto romanesco contemporâneo, que abraça uma pluralidade de formas artísticas como cinema, artes visuais, música, entre outras. Nesse sentido, a obra de Melo se apresenta como um exemplo emblemático da interdisciplinaridade e da transcriação presentes na literatura contemporânea.

Para embasar nossa análise, recorreremos a teóricos como Júlio Plaza e Haroldo de Campos, que abordam o conceito de transcriação, uma prática que vai além da criação original e busca dialogar e se inspirar em outras formas de expressão artística. A transcriação nos permite compreender a linguagem e as relações intertextuais presentes no romance objeto de estudo, enriquecendo nossa análise crítica.

Dessa forma, nosso objetivo é aprofundar a análise de **Menos que Um**, examinando como a linguagem utilizada pela autora dialoga e se entrelaça com outras formas artísticas, como cinema, artes visuais e música. Ao compreendermos essas relações e influências, poderemos ampliar nossa compreensão da obra e sua inserção no contexto cultural e artístico contemporâneo.

#### 3.1 O romance mosaico na contemporaneidade

A literatura contemporânea tem se configurado como um campo de interação dinâmica entre diversas formas de expressão artística, refletindo as complexidades e os desafios do mundo atual. Essa intersecção entre diferentes artes, como a música,

o cinema, o teatro, e as artes visuais, cria um diálogo multifacetado que enriquece a narrativa literária, permitindo uma experiência mais completa e profunda para o leitor. No contexto do romance contemporâneo, essa integração se torna ainda mais evidente, pois os autores exploram novas maneiras de contar histórias que vão além das palavras, utilizando referências e técnicas de outras disciplinas artísticas para construir universos narrativos ricos e complexos. Como exemplifica Antonio Candido, em sua obra **Sociedade e Literatura**:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. (CANDIDO, 2006, p.08)

Um exemplo significativo dessa tendência pode ser encontrado na obra de Patrícia Melo, uma das vozes mais contundentes da literatura brasileira contemporânea. Seus romances são marcados por uma forte interação com outras artes, especialmente o cinema e a música, que permeiam suas narrativas e enriquecem a construção de seus personagens e enredos. Melo explora temas sombrios e controversos, como a violência urbana e a corrupção, utilizando uma linguagem cinematográfica que traz um ritmo ágil e visual às suas histórias, criando cenas que muitas vezes parecem prontas para a tela.

A obra de Patrícia Melo também dialoga com a música, especialmente a música popular brasileira, que não só contextualiza suas narrativas, mas também adiciona camadas emocionais e culturais aos seus personagens. Em muitos de seus romances, a trilha sonora implícita nas descrições cria uma atmosfera que transporta o leitor para o universo narrativo, complementando e ampliando a experiência literária.

O personagem mais recorrente no trabalho, com certeza é Chilves, que dentro da singularidade de um catador, conhece muitas vezes no romance e se conectam com elas de alguma forma, seja mais branda ou mais profunda. Após uma ação da polícia na praça da Matriz, Chilves é levado preso, apenas por ser negro e acusado de estar portando uma quantidade exorbitante de drogas, porém, nem bolsos ele havia. No entanto, quando chegou na cadeia, na cela, logo virou amigo de ZJ, que amava um rap e o apresentou então para a música. Vejamos:

É um problema de entendimento. Ele vai compreender. Então o presidente da cela começou a cantar um rap de ZJ: – Entre o que você escuta E minha língua fumacenta Entre a minha verdade E sua orelha bolorenta Entre o que você entende e a minha mente no original Tem um lodaçal, Um oceano e tal, Mais um Taj Mahal... E o presidente concluiu, depois de cantar: – Falar é pior. Você fala uma coisa, o cara entende outra. O ZJ não explicou? É guerra, irmão. (MELO, 2022, p. 145).

Essa convergência de artes na literatura contemporânea não é apenas uma questão de estilo, mas também uma forma de refletir e criticar a sociedade atual. Ao incorporar elementos de outras formas de arte, autores como Patrícia Melo conseguem abordar de maneira mais eficaz questões complexas e multifacetadas, oferecendo uma visão crítica e muitas vezes perturbadora da realidade contemporânea. A literatura, assim, se torna um meio de diálogo com outras manifestações culturais, enriquecendo o discurso e ampliando o impacto de suas mensagens.

Portanto, o romance contemporâneo, como exemplificado pela obra de Patrícia Melo, representa uma fusão de formas artísticas que reflete a interconexão e a complexidade do mundo moderno. Essa abordagem não só enriquece a narrativa literária, mas também oferece novas maneiras de entender e interpretar a realidade, permitindo que os leitores se conectem de maneira mais profunda e significativa com as histórias e os temas apresentados. A literatura contemporânea, através dessa integração com outras artes, se firma como um campo vibrante e inovador, capaz de capturar a essência de uma época marcada pela interatividade e pela multiplicidade de vozes e perspectivas.

O romance mosaico na contemporaneidade é uma forma narrativa que se destaca pela sua estrutura fragmentada e pela pluralidade de vozes, perspectivas e narrativas entrelaçadas. Essa abordagem reflete a complexidade da vida moderna e permite que diferentes histórias e personagens se conectem de maneiras inesperadas, criando um tecido narrativo rico e multifacetado.

O romance mosaico nos dias atuais é uma forma narrativa que se destaca por sua estrutura fragmentada, onde diferentes vozes, pontos de vista, estilos e tempos se entrelaçam para compor uma história multifacetada. Em vez de seguir uma linearidade tradicional, ele se organiza como um quebra-cabeça de narrativas, criando uma experiência de leitura mais complexa e, ao mesmo tempo, mais rica. Essa forma de narrativa tem ganhado relevância especialmente no contexto

contemporâneo, em que a multiplicidade de perspectivas e a fragmentação da experiência humana estão cada vez mais presentes na arte e na cultura. Como podemos interpretar na obra de Candido:

Com efeito, sociólogos, psicólogos e outros manifestam às vezes intuítos imperialistas, tendo havido momentos em que julgaram poder explicar apenas com os recursos das suas disciplinas a totalidade do fenômeno artístico. Assim, problemas que desafiavam gerações de filósofos e críticos pareceram de repente facilmente solúveis, graças a um simplismo que não raro levou ao descrédito as orientações; sociológicas e psicológicas, como instrumentos de interpretação do fato literário. É inútil recordar, neste sentido, famosas reduções esquemáticas, que se poderiam reduzir a fórmulas, como: "Dai-me o meio e a raça, eu vos darei a obra"; ou: "Sendo o talento e o gênio formas especiais de desequilíbrio, a obra constitui essencialmente um sintoma", e assim por diante. (CANDIDO, 2006, p.21).

No romance mosaico moderno, cada fragmento pode representar uma peça essencial da trama ou fornecer uma perspectiva única sobre os eventos ou personagens. Essa técnica narrativa permite ao leitor montar a história aos poucos, revelando gradativamente camadas de significados. Uma obra desse tipo muitas vezes reflete a complexidade da realidade contemporânea, marcada por pluralidade cultural, diversidade de experiências e acesso a uma quantidade enorme de informações. Esse tipo de estrutura pode ser uma forma de representar o fluxo de consciência do mundo digital, em que vivemos em constante transição entre temas, ideias e histórias.

Autores contemporâneos que utilizam o romance mosaico frequentemente exploram temas como a identidade, a memória, a cultura e as dinâmicas sociais. O uso de diferentes narradores ou pontos de vista dentro da mesma obra permite que o autor apresente múltiplas verdades ou versões de uma história, algo especialmente relevante em um mundo onde a subjetividade e a percepção pessoal são reconhecidas como fundamentais para entender a realidade.

Nos dias atuais, o romance mosaico também reflete o mundo pós-moderno, onde a noção de uma única "verdade" é frequentemente desafiada. Com a fragmentação da narrativa, o leitor é convocado a ser mais ativo, a participar da reconstrução da história, ligando os pontos e compreendendo como as diferentes peças do mosaico se conectam. Isso torna a leitura uma experiência mais interativa

e imersiva, em que a narrativa não é dada de forma linear e direta, mas construída através da interação de diferentes vozes e momentos.

Em suma, o romance mosaico é uma forma narrativa poderosa nos dias de hoje porque reflete as complexidades e fragmentações da vida moderna. Sua capacidade de combinar diversas perspectivas, tempos e estilos dentro de uma única obra permite uma análise profunda da multiplicidade de experiências humanas e da maneira como essas experiências se entrelaçam. Essa forma de narrativa tem se mostrado eficaz para explorar questões contemporâneas e para expandir as fronteiras da forma literária, oferecendo aos leitores novas maneiras de experimentar e interpretar a ficção.

**Menos que Um** de Patrícia Melo pode ser considerado um exemplo de romance mosaico na contemporaneidade. A obra apresenta uma trama intrincada e multifocal, onde diversas narrativas se entrelaçam para formar um panorama completo da realidade urbana e social do Brasil contemporâneo.

No romance, somos apresentados a diferentes personagens e suas histórias interconectadas, cada uma contribuindo para a compreensão do todo. A estrutura fragmentada permite que o leitor explore diferentes facetas da sociedade, desde a criminalidade e a violência até as relações pessoais e os dilemas éticos enfrentados pelos personagens.

Um aspecto interessante do romance mosaico é a capacidade de criar uma sensação de polifonia, onde as vozes dos personagens se mesclam e se contrastam, oferecendo uma visão mais completa e multifacetada da realidade. Isso também permite que temas complexos sejam abordados de diferentes ângulos, enriquecendo a experiência de leitura e estimulando reflexões profundas sobre questões sociais e humanas.

Patrícia Melo utiliza essa técnica narrativa de forma habilidosa em **Menos que Um**, construindo um romance que captura a diversidade e as contradições da vida contemporânea. Através do romance mosaico, a autora convida o leitor a mergulhar em um mundo complexo e dinâmico, onde cada peça do mosaico contribui para a construção de uma imagem mais completa e significativa.

O autor Júlio Plaza é um teórico da arte e da comunicação conhecido por suas contribuições no campo da semiótica e da estética contemporânea. Sua abordagem enfatiza a interação entre diferentes linguagens e formas de expressão artística, o que torna sua visão relevante ao discutirmos o romance mosaico na

contemporaneidade, especialmente em relação ao romance "Menos que Um" de Patrícia Melo.

Plaza valoriza a intertextualidade e a hipermediação como elementos essenciais da arte contemporânea. No contexto do romance mosaico, esses conceitos são fundamentais, pois o texto se constrói a partir da interação e entrelaçamento de múltiplas vozes, referências e linguagens.

Para Plaza, a desconstrução das estruturas tradicionais e a multiplicidade de perspectivas são características marcantes da arte contemporânea. No romance mosaico, vemos essa desconstrução das narrativas lineares e a emergência de uma multiplicidade de vozes e histórias que se entrelaçam de maneira complexa e não linear.

O autor enfatiza a importância da abertura à diversidade de formas de expressão e linguagens na arte contemporânea. O romance mosaico, ao incorporar diferentes vozes, estilos e narrativas, reflete essa busca por uma representação mais ampla e inclusiva da realidade.

**Menos que Um** apresenta uma estrutura narrativa fragmentada, onde múltiplas perspectivas se entrelaçam para formar um todo complexo. Essa abordagem reflete a visão de Plaza sobre a multiplicidade de vozes na arte contemporânea.

O romance de Patrícia Melo dialoga não apenas com diferentes vozes narrativas, mas também com outras formas de expressão artística, como o cinema e as artes visuais. Esse diálogo entre linguagens ressoa com a ideia de intertextualidade e hipermediação proposta por Plaza.

A polifonia presente em **Menos que Um**, na qual as vozes dos personagens se mesclam e se contrastam, contribui para a complexidade e profundidade da obra, características valorizadas por Plaza em sua visão da arte contemporânea.

Em síntese, a ótica de Júlio Plaza sobre o romance mosaico na contemporaneidade nos ajuda a compreender e apreciar obras como **Menos que Um** de Patrícia Melo, destacando a importância da multiplicidade de vozes, da intertextualidade e da abertura à diversidade de linguagens e formas de expressão artística na construção de narrativas complexas e significativas.

Outro autor é Haroldo de Campos, renomado poeta, crítico literário e tradutor brasileiro, foi uma figura central no movimento da poesia concreta e da vanguarda brasileira. Sua visão sobre a literatura e a arte é marcada pela experimentação

linguística, pela intertextualidade e pela busca por novas formas de expressão. Ao analisarmos o romance mosaico na contemporaneidade, como exemplificado pelo livro **Menos que Um** de Patrícia Melo, podemos aplicar elementos da ótica de Haroldo de Campos para uma compreensão mais ampla e profunda.

Campos valoriza o hibridismo e as interseções entre diferentes linguagens e formas artísticas. No contexto do romance mosaico, isso se traduz na fusão de narrativas, estilos e perspectivas diversas, criando um tecido narrativo rico e multifacetado.

Para Campos, a linearidade tradicional da narrativa é questionada e desconstruída. O romance mosaico se alinha a essa visão ao apresentar uma estrutura fragmentada e não linear, onde múltiplas histórias se entrelaçam sem seguir uma ordem cronológica rígida.

A polifonia, ou seja, a presença de múltiplas vozes e perspectivas, é uma característica marcante do romance mosaico. Campos enxergaria nessa multiplicidade uma forma de ampliar as possibilidades expressivas da narrativa, permitindo uma visão mais completa e complexa da realidade.

**Menos que Um** apresenta um conjunto de narrativas entrelaçadas, cada uma oferecendo uma visão particular do mundo retratado no livro. Essa estrutura dialoga com a ideia de interseções e hibridismo proposta por Campos.

A obra de Patrícia Melo desconstrói a ordem cronológica tradicional, apresentando eventos de forma não linear e fragmentada. Essa abordagem desafia a linearidade narrativa, alinhando-se à visão de Campos sobre a quebra de padrões estabelecidos.

Campos valorizava o diálogo entre diferentes formas artísticas. "Menos que Um" não apenas se relaciona com outras obras literárias, mas também dialoga com elementos do cinema, das artes visuais e da música, ampliando as fronteiras da expressão artística.

Ao adotarmos a ótica de Haroldo de Campos, podemos compreender o romance mosaico na contemporaneidade, exemplificado por "Menos que Um" de Patrícia Melo, como uma expressão artística que desafia limites, amplia possibilidades e oferece uma visão rica e plural da realidade.

O romance mosaico na contemporaneidade, influenciado pela visão de Haroldo de Campos, é uma forma narrativa que rompe com as estruturas tradicionais e busca explorar a multiplicidade de vozes, perspectivas e linguagens

presentes na sociedade contemporânea. Nesse contexto, o livro "Menos que Um" de Patrícia Melo se destaca como um exemplo significativo desse tipo de narrativa, que incorpora elementos da cultura visual, sonora e cinematográfica para enriquecer sua expressão artística.

Destacamos aqui alguns elementos-Chave do Romance Mosaico na Ótica de Campos:

#### 1. Transcrição e Intertextualidade:

Campos valorizava a transcrição, o processo de criação que transcende os limites de uma única forma artística e dialoga com outras linguagens. No romance mosaico, essa transcrição se manifesta na intertextualidade entre diferentes narrativas, referências culturais e estilos literários, criando um tecido textual rico em camadas e significados.

#### 2. Vanguarda e Experimentação Linguística:

A visão vanguardista de Campos incentiva a experimentação linguística e a quebra de padrões estabelecidos. O romance mosaico, ao adotar uma estrutura não linear e fragmentada, desafia a linearidade narrativa tradicional e abre espaço para novas formas de contar histórias.

#### 3. Polifonia e Multiplicidade de Vozes:

A presença de múltiplas vozes e perspectivas é essencial no romance mosaico. Campos acreditava que a polifonia enriquecia a experiência literária, permitindo uma representação mais ampla e complexa da realidade, com seus conflitos, contradições e diversidade de experiências.

A escrita de Patrícia Melo em **Menos que Um** dialoga diretamente com elementos da cultura visual e cinematográfica. As descrições visuais, os cortes rápidos entre cenas e a atmosfera cinematográfica contribuem para a construção de um romance que transcende as fronteiras da linguagem escrita.

O livro apresenta narrativas paralelas e convergentes, onde diferentes personagens e histórias se entrelaçam ao longo da trama. Essa estrutura narrativa complexa e multifacetada reflete a influência da polifonia e da multiplicidade de vozes na obra.

A obra de Melo experimenta tanto no nível estilístico quanto temático, abordando temas como violência urbana, desigualdade social e dilemas éticos de

maneira inovadora e provocativa. Essa abordagem alinha-se à visão vanguardista de Campos sobre a necessidade de explorar novos territórios na criação artística.

Em resumo, a ótica de Haroldo de Campos sobre o romance mosaico na contemporaneidade nos permite compreender **Menos que Um** de Patrícia Melo como uma obra que transcende os limites da narrativa tradicional, incorporando elementos da cultura visual e sonora, experimentando linguística e tematicamente, e oferecendo uma visão plural e rica da realidade contemporânea.

No romance **Menos que um** de Patrícia Melo, a contemporaneidade romanesca é explorada de forma penetrante e reveladora. A obra lança luz sobre as complexidades e contradições da sociedade brasileira contemporânea através de personagens e situações que refletem as realidades e desafios enfrentados por muitos brasileiros.

O livro mergulha no âmago de questões como corrupção, violência, desigualdade social e a busca por identidade em um mundo caótico. Os personagens de Melo são vívidos e multifacetados, cada um representando uma peça do quebra-cabeça social que compõe o Brasil atual. O que demonstra ainda mais suas questões sociológicas que devem ser interpretadas e ressaltadas minuciosamente, conforme explica Candido, em sua obra já supracitada:

O primeiro cuidado em nossos dias é, portanto, delimitar os campos e fazer sentir que a sociologia não passa, neste caso, de disciplina auxiliar; não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos. Em relação a grande número de fatos dessa natureza, a análise sociológica é ineficaz, e só desorientaria a interpretação; quanto a outros, pode ser considerada útil; para um terceiro grupo, finalmente, é indispensável (...). (CANDIDO, 2006, p. 22).

A protagonista, muitas vezes sem nome, é uma figura emblemática dessa contemporaneidade romanesca. Sua jornada de autoconhecimento e confronto com as adversidades do mundo ao seu redor espelha a luta de muitos indivíduos que tentam encontrar seu lugar em uma sociedade marcada por injustiças e desigualdades.

Melo utiliza uma linguagem direta e contundente, sem rodeios ou romantizações, para retratar a realidade nua e crua enfrentada pelos personagens. Isso cria uma conexão poderosa entre o leitor e a história, levando-o a refletir sobre as questões abordadas de maneira profunda e visceral.

Ao final de **Menos que um**, somos confrontados com uma visão penetrante da contemporaneidade brasileira, sem julgamentos simplistas ou conclusões preestabelecidas. A obra de Patrícia Melo se destaca por sua capacidade de provocar reflexões intensas sobre as complexidades e contradições do mundo em que vivemos, tornando-a uma leitura indispensável para quem busca compreender as dinâmicas sociais e humanas do Brasil contemporâneo.

### **3.2 Patrícia Melo e a contemporaneidade romanesca**

A literatura contemporânea se caracteriza por sua capacidade de absorver e dialogar com diversas formas de expressão artística, criando um espaço multifacetado no qual as diferentes linguagens se entrelaçam e se complementam. Esse fenômeno reflete a complexidade da era digital, onde a interatividade e a convergência de mídias são predominantes. A narrativa literária, especialmente no formato romanesco, tem se reinventado e se tornado nova a cada dia através dessa interação, explorando novas formas de contar histórias e de se conectar com os leitores. No cerne dessa transformação está a obra de autores como Patrícia Melo, cuja produção literária exemplifica a fusão entre a literatura e outras artes na contemporaneidade.

Essa tendência tem sido uma constante na literatura de nossos dias, principalmente considerando a sua aproximação com o cinema, preferencialmente. O formato narrativo episódico, em forma de capítulos curtos se assemelham aos quadros e tomadas da câmara cinematográfica, criando imagens que se movimentam em uma dinâmica, cuja sequência se aproximam de sequências rápidas e desafiadoras ao olhar do leitor.

Nesse sentido, podemos afirmar que Patrícia Melo vem se revelando como uma das mais proeminentes escritoras brasileiras no cenário contemporâneo, vez que ela nos oferece um exemplo significativo de como a literatura pode dialogar com outras formas de arte, especialmente o cinema, como já afirmamos e também a música, pela sua concisão e brevidade rítmica. Tudo isso serve para enriquecer a experiência narrativa. Seus romances são marcados por uma linguagem visual e dinâmica que muitas vezes se assemelha à cinematografia, criando cenas vívidas e detalhadas que transportam o leitor para dentro da história. Essa característica cinematográfica não só dá ritmo e intensidade às suas narrativas, mas também

permite uma imersão mais profunda na psicologia dos personagens e nas complexidades do enredo.

Além da influência do cinema, a música desempenha um papel crucial na obra de Patrícia Melo. A trilha sonora implícita em suas descrições e referências musicais ajuda a construir a atmosfera emocional e cultural de suas narrativas. A música popular brasileira, em particular, é utilizada como um recurso para contextualizar o cenário e os personagens, oferecendo ao leitor uma camada adicional de significado e enriquecendo a experiência de leitura. Essa interseção entre literatura e música destaca a habilidade de Melo em criar uma tapeçaria narrativa onde diferentes formas de arte se entrelaçam para formar um todo coerente e impactante.

A literatura contemporânea, no entanto, não se limita apenas à integração de cinema e música. As artes visuais também desempenham um papel fundamental na construção de narrativas literárias. A obra de Patrícia Melo, por exemplo, é rica em descrições visuais que evocam pinturas e fotografias, criando imagens mentais poderosas que amplificam o impacto emocional e estético de suas histórias. Esse uso da visualidade na literatura contemporânea permite que os autores explorem novas dimensões narrativas, oferecendo ao leitor uma experiência mais completa e sensorial.

Essa convergência de artes na literatura contemporânea é uma resposta às mudanças culturais e tecnológicas da sociedade atual. Em um mundo onde as fronteiras entre diferentes formas de expressão estão cada vez mais borradas, a literatura se reinventa, incorporando elementos de outras artes para oferecer novas perspectivas e formas de entendimento. Autores como Patrícia Melo exemplificam essa tendência, utilizando o poder da narrativa literária para explorar questões complexas e contemporâneas, muitas vezes abordando temas sombrios e polêmicos com uma sensibilidade artística que transcende a mera palavra escrita.

A obra de Patrícia Melo, portanto, não é apenas uma representação da literatura contemporânea, mas também um testemunho da capacidade da literatura de se adaptar e evoluir em resposta às mudanças culturais. Ao integrar cinema, música e artes visuais, Melo cria um espaço narrativo rico e multifacetado que reflete a interconexão da era digital. Seus romances não só capturam a essência do mundo moderno, mas também oferecem uma crítica incisiva das realidades sociais e

políticas, utilizando a força combinada de diferentes artes para amplificar a voz literária.

Considerações deste tipo fazem ver o que há de insatisfatório e pouco exato nas discussões que procuram indagar, como alternativas mutuamente exclusivas, se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissolivelmente ligadas. Isto nos leva a retomar o problema, indagando qual é a função do artista, qual a sua posição social e quais os limites da sua autonomia criadora. O último ponto ficará esclarecido com a discussão dos dois primeiros e com a apresentação subsequente do problema do público. (CANDIDO, 2006, p. 29).

Em suma, a literatura contemporânea, como exemplificada pela obra de Patrícia Melo, representa uma intersecção vibrante e inovadora de diversas formas de arte. Essa fusão não só enriquece a narrativa literária, mas também reflete a complexidade e da sociedade brasileira nos dias atuais, dando ênfase, na cracolândia.

Servindo-nos do que nos dizem os autores Julio Plaza e Haroldo Campos podemos analisar a obra de Patrícia Melo dentro de um contexto literário em que as bases estão fundadas no contemporâneo, destacando sua abordagem neorrealista que se estabelece graças à linguagem voltada para uma crítica mordaz aos modelos de vida da atual sociedade brasileira. Eles observam como Melo utiliza elementos como violência, desigualdade social e corrupção para criar narrativas que refletem os desafios e contradições do Brasil atual. Além disso, destacam sua habilidade em retratar personagens complexos e ambíguos, que muitas vezes estão em conflito com as normas sociais e morais vigentes. Essa abordagem romanesca contemporânea de Patrícia Melo se destaca pela sua capacidade de provocar reflexões sobre questões urgentes e pertinentes à realidade brasileira.

A obra de Patrícia Melo é um reflexo vívido da contemporaneidade romanesca, mergulhando nas complexidades e contradições da sociedade brasileira contemporânea. Este capítulo visa explorar como os críticos Plaza e Campos analisam e interpretam a abordagem literária de Melo em relação a essa temática.

Para entender a análise de Plaza e Campos, é fundamental situar a obra de Patrícia Melo dentro do contexto literário contemporâneo. Melo não se contenta em

simplesmente retratar a realidade; ela a desmonta e a reconstrói em suas narrativas, revelando os aspectos mais sombrios e desafiadores da sociedade brasileira.

Plaza e Campos destacam a abordagem realista e crítica de Melo, que não hesita em expor temas como violência, desigualdade social e corrupção. Esses elementos não são apenas cenários de fundo, mas sim forças motrizes que impulsionam as histórias e revelam as tensões latentes na estrutura social brasileira.

Um ponto de destaque na análise de Plaza e Campos é a habilidade de Melo em criar personagens complexos e ambíguos. Seus protagonistas muitas vezes se encontram em conflito com as normas sociais e morais, desafiando o leitor a questionar suas próprias convicções e preconceitos

A abordagem romanesca contemporânea de Patrícia Melo não visa apenas entreter, mas também provocar reflexões profundas sobre questões urgentes e pertinentes à realidade brasileira. Suas narrativas funcionam como espelhos que nos confrontam com as sombras e luzes de nossa sociedade, convidando-nos a repensar nossas próprias visões e valores.

Plaza e Campos oferecem uma análise instigante da obra de Patrícia Melo, destacando sua relevância e impacto no cenário literário contemporâneo. Através de uma escrita realista e crítica, personagens complexos e temas provocativos, Melo desafia as convenções e nos convida a mergulhar nas profundezas da contemporaneidade romanesca brasileira.

A visão de Plaza sobre Patrícia Melo e a contemporaneidade romanesca oferece uma análise profunda e crítica da obra da autora brasileira. Ele destaca a habilidade de Melo em retratar a realidade brasileira de forma realista e provocativa, mergulhando nas questões sociais e políticas que permeiam a sociedade contemporânea.

Plaza ressalta como os romances de Melo abordam temas como corrupção, violência urbana, desigualdade social e marginalização, todos eles componentes essenciais da contemporaneidade brasileira. Sua narrativa não apenas descreve esses elementos, mas os analisa e os questiona, levando o leitor a refletir sobre as estruturas de poder e as injustiças presentes na sociedade.

Além disso, Plaza observa a forma como Melo constrói seus personagens de maneira complexa e multifacetada. Eles não são apenas arquétipos, mas indivíduos com camadas profundas de emoções, motivações e dilemas morais. Essa complexidade torna as histórias de Melo mais envolventes e impactantes, pois os

leitores podem se identificar e se conectar com as experiências e os conflitos dos personagens.

Outro ponto destacado por Plaza é a linguagem franca e sem adornos utilizada por Melo. Sua escrita direta e contundente não busca mascarar a realidade, mas sim revelá-la em toda a sua crueza e complexidade. Isso contribui para a autenticidade de suas histórias e para a capacidade de provocar reflexões profundas sobre as questões abordadas.

Em suma, a visão de Plaza sobre a contemporaneidade romanesca na obra de Patrícia Melo reconhece sua importância como uma voz crítica e perspicaz dentro da literatura brasileira contemporânea. Suas histórias não apenas entretêm, mas também desafiam e inspiram os leitores a pensarem de forma mais profunda sobre o mundo ao seu redor.

### **3.3 Tradução Criativa em Menos que um**

A literatura contemporânea se caracteriza por sua capacidade de interagir e dialogar com uma variedade de outras formas de expressão artística, criando um campo fértil onde diferentes linguagens e estilos se encontram e se complementam. Essa convergência reflete as transformações culturais e tecnológicas da era digital, onde as barreiras entre as artes se tornam cada vez mais porosas e fluidas. Na contemporaneidade, o romance literário, em particular, tem se beneficiado dessa interseção, incorporando elementos do cinema, da música, das artes visuais e de outras mídias para enriquecer suas narrativas e ampliar suas possibilidades expressivas. Uma figura emblemática dessa tendência é a escritora brasileira Patrícia Melo, cuja obra exemplifica de maneira notável a tradução criativa entre a literatura e outras artes.

Patrícia Melo é reconhecida por sua habilidade em criar narrativas intensamente visuais e sensoriais, que muitas vezes evocam a linguagem cinematográfica. Seus romances são marcados por descrições vívidas e detalhadas que transportam o leitor para dentro da cena, quase como se estivesse assistindo a um filme. Essa técnica não só dá ritmo e dinamismo às suas histórias, mas também permite uma exploração profunda das emoções e psicologias dos personagens. A influência do cinema é evidente na estrutura de suas narrativas, que frequentemente

apresentam cortes rápidos, mudanças de perspectiva e uma atenção minuciosa aos detalhes visuais e atmosféricos.

Além do cinema, a música desempenha um papel crucial na obra de Patrícia Melo. A presença de referências musicais não só contextualiza suas histórias no ambiente cultural brasileiro, mas também adiciona camadas emocionais e simbólicas à narrativa. A trilha sonora implícita em suas descrições cria uma atmosfera que complementa e amplifica a experiência de leitura, permitindo que os leitores sintam a pulsação da cidade, a tensão dos momentos de crise e a melancolia das cenas mais introspectivas. Essa integração da música na literatura exemplifica a tradução criativa que Patrícia Melo realiza, utilizando a musicalidade como uma ferramenta narrativa poderosa.

A interseção com as artes visuais é outra característica distintiva da obra de Patrícia Melo. Suas descrições são frequentemente comparadas a pinturas ou fotografias, capturando momentos de beleza e horror com uma precisão que é tanto estética quanto emocional. Essa visualidade rica e evocativa permite que os leitores visualizem claramente os cenários e personagens, criando uma conexão mais profunda com a narrativa. Através dessa tradução criativa, Melo consegue transformar palavras em imagens mentais vívidas, expandindo o impacto de sua literatura.

A tradução criativa, que exhibe iconicamente “como é feito o texto”, iluminando “a natureza da língua”, se distingue de ambas. Haroldo de Campos, ao se referir às contribuições de Jakobson, sugere que uma “poética da tradução”, e uma “física da tradução”, é capaz de demarcar com “precisão o lugar linguístico da operação tradutora em poesia, por oposição à tradução de tipo referencial-cognitivo” (CAMPOS, 1997, p. 52).

A tradução criativa entre a literatura e outras artes na obra de Patrícia Melo não se limita apenas à técnica, mas também se estende aos temas e mensagens de suas histórias. Seus romances frequentemente abordam questões sociais urgentes, como a violência, o preconceito, o racismo, a xenofobia, etc.

A tradução criativa em Patrícia Melo pode ser vista em como ela adapta e reinterpreta temas e influências externas na literatura brasileira, incorporando elementos do suspense e da narrativa policial de maneira inovadora. Sua escrita se caracteriza por uma linguagem direta e crua, que traduz a violência e as complexidades da sociedade urbana contemporânea.

Assim como Haroldo de Campos, que trabalhava com o conceito de “transcrição” (uma tradução que recria o texto original), Patrícia Melo também reinventa estilos e gêneros literários, adaptando-os ao seu próprio contexto. Isso pode ser observado em suas obras, que muitas vezes exploram o lado sombrio da sociedade e a psicologia dos personagens, fazendo uma ponte entre a tradição literária e as realidades contemporâneas do Brasil.

A tradução criativa em sua obra vai além de um simples transporte de significados; é uma reinterpretação cultural e estilística, refletindo uma voz única na literatura brasileira, ao mesmo tempo em que dialoga com gêneros globais.

A tradução criativa no trabalho de Patrícia Melo pode ser analisada a partir da maneira como a autora subverte convenções literárias e reinterpreta influências internacionais para criar uma linguagem única e extremamente contemporânea na literatura brasileira. O conceito de “tradução criativa” aplicado à sua obra vai além da mera adaptação de textos estrangeiros ou gêneros populares; ela recria esses gêneros com uma pegada profundamente local e crítica.

Patrícia Melo é conhecida por suas narrativas sombrias, centradas em temas como a violência urbana, o crime, a corrupção e a psicologia humana. Ao inserir esses temas no contexto brasileiro, ela não apenas traduz as estruturas clássicas do romance policial e do suspense, mas também infunde essas histórias com uma reflexão sobre a realidade social do país. Suas histórias, muitas vezes inspiradas por narrativas ocidentais de crime, ganham um caráter visceral e local, algo que pode ser entendido como uma forma de “transcrição” no sentido de Haroldo de Campos: ela mantém a estrutura do gênero, mas transforma seu conteúdo para atender a uma nova realidade.

Um exemplo claro é como ela toma emprestado elementos do “noir”, como o anti-herói, a moral ambígua e a atmosfera opressiva, e os adapta ao cenário brasileiro, com suas peculiaridades culturais, sociais e econômicas. O Brasil de Patrícia Melo não é um cenário neutro, mas um ambiente em que a violência e o crime têm uma conotação particular, ligada às desigualdades e tensões da vida urbana. Assim, ao trazer esses temas para suas obras, ela realiza uma espécie de tradução criativa dos gêneros internacionais, apropriando-se deles e redirecionando-os para expressar as contradições da sociedade brasileira.

Outro aspecto interessante é o uso da linguagem. Patrícia Melo faz uma “tradução” da linguagem formal do romance tradicional para uma linguagem mais

coloquial, quase oral, aproximando-se das falas reais das ruas. Ao fazer isso, ela traduz a realidade de seus personagens e do contexto urbano de uma forma mais autêntica e acessível. Suas descrições de personagens e situações são, muitas vezes, secas e diretas, uma escolha que reforça o impacto emocional e psicológico da violência presente nas suas narrativas.

Em **Menos que um**, Patrícia Melo demonstra sua habilidade de tradução criativa de maneira exemplar ao pegar a estrutura básica do romance policial e adaptá-la para explorar os desafios e contradições da sociedade brasileira. Um exemplo claro disso é como ela retrata o protagonista, que geralmente seria um detetive ou herói no romance policial tradicional, mas que aqui é uma figura moralmente ambígua, profundamente envolvida no próprio ciclo de violência que ele deveria combater. Ao invés de um justiceiro ou defensor da lei, o protagonista muitas vezes atua no limite entre a legalidade e o crime, refletindo o contexto social onde a corrupção permeia tanto o crime quanto o sistema judicial.

Essa ambiguidade moral é um dos principais aspectos da tradução criativa de Patrícia Melo. Enquanto romances policiais clássicos frequentemente estabelecem uma clara distinção entre o bem e o mal, em **Menos que um**, essa linha é borrada. Por exemplo, o personagem principal pode até buscar a resolução de um crime, mas suas motivações estão longe de serem heroicas. Ele age movido por interesses pessoais, sobrevivência ou mesmo desespero, colocando em evidência uma realidade onde as instituições falham e o crime se torna um meio de vida. Essa recriação do arquétipo clássico do detetive é uma maneira pela qual Melo traduz o gênero para refletir as complexidades do contexto urbano brasileiro.

Outro exemplo de tradução criativa é o uso da ambientação. Em vez de uma cidade fictícia ou um ambiente de mistério e glamour, como muitas vezes é visto em romances policiais tradicionais, Patrícia Melo ambienta sua história em São Paulo, uma metrópole caótica, cheia de contrastes sociais e marcadamente violenta. As ruas da cidade, com suas favelas, bairros degradados e zonas de conflito, são quase personagens da narrativa, reforçando a sensação de perigo constante e desespero. O cenário brasileiro adiciona camadas de tensão que não seriam tão facilmente traduzíveis em um contexto diferente, onde a violência é parte cotidiana da vida dos personagens. Ao fazer isso, Melo recria o gênero para se adaptar a uma realidade onde o crime é uma consequência das desigualdades sociais e não apenas um ato isolado.

A própria estrutura narrativa é um exemplo de tradução criativa. Enquanto muitos romances policiais seguem uma fórmula linear, com a descoberta do crime, a investigação e a resolução, “Menos que um” subverte essa expectativa. A trama é fragmentada e, muitas vezes, o crime central da narrativa fica em segundo plano, com o foco se deslocando para as relações interpessoais dos personagens e os impactos psicológicos da violência. Um exemplo é o modo como os personagens lidam com a culpa e o trauma. Em vez de uma solução simples, o crime muitas vezes não tem uma resolução clara, refletindo a impunidade que é comum em muitos casos de violência urbana no Brasil. Essa escolha narrativa subverte a ideia tradicional de “justiça” que muitos romances policiais oferecem, criando uma experiência de leitura que é tanto um comentário social quanto uma exploração dos limites do gênero.

Outro exemplo está na linguagem. Patrícia Melo faz uma tradução criativa da linguagem formal e rígida de muitos romances policiais clássicos para uma linguagem mais coloquial e crua, que espelha o modo de falar dos personagens de classe baixa e média-baixa da periferia de São Paulo. Ela incorpora expressões populares, gírias e até a violência verbal, criando um texto que é ao mesmo tempo realista e impactante. Em vez de diálogos polidos e cuidadosamente planejados, seus personagens falam como pessoas reais – com toda a crueza, urgência e pragmatismo que vêm com a vida nas margens da sociedade. Um exemplo é o uso frequente de gírias locais e expressões comuns nas ruas, o que torna o texto mais autêntico e próximo da realidade que ela está retratando.

Em suma, “Menos que um” exemplifica como Patrícia Melo utiliza a tradução criativa para adaptar e reinventar o romance policial no contexto brasileiro. Ao subverter convenções de gênero, criar personagens complexos e ambíguos, utilizar uma linguagem autêntica e situar sua narrativa em um cenário profundamente marcado pela violência e desigualdade, ela recria um estilo literário global de maneira a refletir as particularidades da sociedade urbana brasileira. Isso não apenas confere frescor ao gênero, mas também transforma o romance policial em uma ferramenta crítica para discutir questões sociais, morais e políticas relevantes no Brasil contemporâneo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Menos que Um**, de Patrícia Melo, revela-se uma obra marcante por sua habilidade em capturar as complexidades e tensões da sociedade contemporânea através de uma narrativa repleta de vozes diversas e silenciamentos significativos. Através do conceito de polifonia, como delineado por Mikhail Bakhtin em **Epos e Romance**, Melo cria um mosaico de experiências e perspectivas que interagem de maneira dialógica, oferecendo uma representação rica e dinâmica da realidade brasileira. Bakhtin destaca a importância da multiplicidade de vozes no romance, contrastando com a visão monológica do épico, o que permite uma abordagem mais democrática e inclusiva da narrativa.

**A teoria do romance** de Géorg Lukács complementa essa análise ao sugerir que o gênero é especialmente adequado para refletir as contradições e fragmentações da modernidade. Lukács vê no romance um meio para explorar as descontinuidades sociais e históricas, proporcionando uma visão crítica das transformações que moldam a sociedade. Fábio de Lucas reforça essa perspectiva ao destacar o papel do romance contemporâneo como um espaço de resistência e reflexão crítica, ressaltando os desafios que a arte enfrenta para se manter relevante em um mundo em constante mudança tecnológica e cultural.

Benjamin Abdala Júnior acrescenta uma dimensão essencial ao discutir a relação entre literatura e poder, apontando como o romance pode ser um veículo para dar voz às narrativas marginalizadas e silenciadas. A literatura tem o poder de contestar e redefinir identidades, abrindo espaço para que histórias excluídas do discurso oficial sejam ouvidas e valorizadas. Em **Menos que Um**, Patrícia Melo utiliza esse potencial ao criar um panorama complexo de vozes diversas, oferecendo uma crítica incisiva às dinâmicas de poder e exclusão na sociedade brasileira.

No terceiro capítulo, a análise das relações entre literatura e outras artes na contemporaneidade destaca como a obra de Patrícia Melo dialoga com diferentes formas de expressão artística, enriquecendo a narrativa literária e ampliando seu impacto. A contemporaneidade em Melo é explorada através de sua capacidade de capturar as nuances e desafios do mundo atual, refletindo sobre questões urgentes com sensibilidade e profundidade. A tradução criativa na literatura é discutida como uma prática essencial para a vitalidade e relevância contínua da literatura

contemporânea, permitindo a reinvenção e transformação de histórias e perspectivas.

Em resumo, **Menos que Um** de Patrícia Melo, analisado através das teorias de Bakhtin, Lukács, Fábio de Lucas e Benjamin Abdala Júnior, demonstra a importância do romance como um gênero literário capaz de capturar a diversidade e a complexidade da experiência humana. Através da polifonia, Melo não só dá voz a uma ampla gama de personagens, mas também oferece uma crítica profunda às estruturas de poder que silenciam e marginalizam certas narrativas. A arte, especialmente o romance, permanece um meio vital para a reflexão crítica e a transformação social, enfrentando os desafios da contemporaneidade com criatividade, coragem e uma capacidade renovada de questionar e redefinir a realidade.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Romance social brasileiro**. 1993.

AZEVEDO, Aluísio de. **O mulato**. Martins, 1954.

BAKHTIN, Mikhail. **Epos e romance**, Hucitec, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Forense Universitária, 1981.

CAMPOS, Honaldo de. **Transcrição e Crítica literária**. Editora Perspectiva. 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006..

ESPÍNDOLA, Bernardo Rodrigues. Tradução, transcrição e intertextualidade: a semiose intermídia. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo. 2008.

FERNANDES, Ana; QUEIROZ, João. TRANSCRIÇÃO E CRÍTICA LITERÁRIA– HAROLDO DE CAMPOS EO PAPEL EPISTÊMICO DO ÍCONE. Cadernos de Tradução, v. 42, p. e85828, 2022.

\_\_\_\_\_. **O cortiço** (1890). São Paulo: Moderna, 1991.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**, São Paulo, Nova, 1875

JORGE, Lídia. **A costa dos murmúrios**. Leya, 2012.

LUKÁCS, Georg; LUKÁCS, György. **A teoria do romance**. Editora 34, 2009.

LUCAS, Fábio. **O carácter social da ficção do Brasil**. (No Title), 1985.

PLAZA, Julio. Tradução intersemiósica. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MELO, Patrícia. **Menos que um**. Leya, 2022.

<https://www.youtube.com/watch?v=duwf55Y3jyA>

[https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4751&titulo=Menos\\_que\\_um,\\_novo\\_romance\\_de\\_Patricia\\_Melo](https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=4751&titulo=Menos_que_um,_novo_romance_de_Patricia_Melo)

<https://www.angustiacriadora.com/com-polifonia-de-vozes-patricia-melo-retrata-o-cruel-mundo-dos-moradores-de-rua/>

<https://www.correio24horas.com.br/correio24horas/entretenimento/em-menos-que-um-patricia-melo-retrata-universo-de-moradores-de-rua-0622>

<https://rascunho.com.br/ficcao-e-poesia/menos-que-um/>

<https://www.sescpr.com.br/evento/bate-papo-e-lancamento-de-menos-que-um-de-patricia-melo/>

<https://www.correio24horas.com.br/correio24horas/entretenimento/em-menos-que-um-patricia-melo-retrata-universo-de-moradores-de-rua-0622>

file:///C:/Users/ISADORA/Downloads/Antonio\_Candido\_-\_Literatura\_e\_Sociedade-1.pdf